



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA - UNAGEO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

MAXIMILIANO ALBUQUERQUE DOS SANTOS



**ENTRE CATEDRAIS E ESCOLAS: O DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL DE
CAJAZEIRAS À LUZ DA IGREJA CATÓLICA**

CAJAZEIRAS-PB

2024

MAXIMILIANO ALBUQUERQUE DOS SANTOS

**ENTRE CATEDRAIS E ESCOLAS: O DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL DE
CAJAZEIRAS À LUZ DA IGREJA CATÓLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Geografia, da Universidade Federal de Campina Grande, do Centro de Formação de Professores, Campus de Cajazeiras, como requisito a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Bezerra Pessoa

CAJAZEIRAS-PB

2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

S237e Santos, Maximiliano Albuquerque dos.
Entre catedrais e escolas: o desenvolvimento educacional de Cajazeiras á Luz da Igreja Católica / Maximiliano Albuquerque dos Santos. – Cajazeiras, 2024.
81f. : il. Color.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Bezerra Pessoa.
Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, 2024.

1. Educação - Cajazeiras - Município - Paraíba. 2. Igreja Católica e Educação. 3. História da Educação - Cajazeiras - Município - Paraíba. 4. Padre Inácio de Souza Rolim. 5. Diocese de Cajazeiras. I. Pessoa, Rodrigo Bezerra. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 37(813.3)

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

MAXIMILIANO ALBUQUERQUE DOS SANTOS

**ENTRE CATEDRAIS E ESCOLAS: O DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL DE
CAJAZEIRAS À LUZ DA IGREJA CATÓLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Geografia, da Universidade Federal de Campina Grande, do Centro de Formação de Professores, Campus de Cajazeiras, como requisito a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Aprovado em: 12 / 07 / 2024

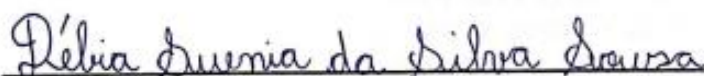
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Rodrigo Bezerra Pessoa (Orientador)
Unidade Acadêmica de Geografia - UNAGEO
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG



Prof. Dr. Aldo Gonçalves de Oliveira (Examinador 1)
Unidade Acadêmica de Geografia - UNAGEO
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG



Profª. Dra. Débia Suênia da Silva Sousa (Examinadora 2)
Unidade Acadêmica de Educação- UAE
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

A Deus, autor da vida e dispensador de todos os dons e graças. Aos meus amados pais Cicero e Cleia, por me conceder a vida e educar naquilo que é incapaz de se aprender na academia. A minha esposa Alci, que sempre esteve comigo, motivando e sendo abrigo em todo o processo. Aos meus filhos Maria e Bento, motivos pelos quais tenho seguido adiante. Assim dedico!

AGRADECIMENTOS

Escrever os agradecimentos de um trabalho de conclusão de curso deveria ser a parte mais fácil de toda a caminhada acadêmica, afinal, já passamos por tantos momentos, que essas poucas linhas se configurariam como irrisórias, mas não é bem assim. Corre-se o risco de deixarmos de fora algo ou alguém que teve papel importante no processo.

Foram sete longos anos desde a nossa aprovação no vestibular, período suficiente de termos o nosso diploma em mãos bem antes do tempo presente, se não fosse todos os eventos que nos precederam a esse marco. Nesse espaço de tempo pude formar família, ver meus filhos nascerem e se desenvolverem. Também foi tempo para alguns partirem, concluindo assim o ciclo bonito da vida. Foi tempo de testemunhar aflitamente guerras, pandemia, catástrofes naturais, bem como, os desdobramentos políticos do Brasil e do mundo, com mudanças de governo, ascendência ao trono real, morte do sumo pontífice emérito, e mais recentemente, uma greve acadêmica. São os eventos da vida, que como disse Milton Santos, mudam as coisas e transformam os objetos, dando-lhes novas características. Eis-nos aqui, lapidados, transformados e sempre com algo novo a aprender.

Quanto ao ato de agradecer...

Agradeço por primeiro a Deus, criador e doador de todos os dons e graças, ele que é o nosso sumo bem, que sem nenhum merecimento de minha parte, tem continuamente insistido em mim. A Virgem Maria, Senhora de tantos nomes, que sempre enche com a sua presença materna os vácuos profundos da nossa humanidade. Obrigado, meu Deus! Obrigado, minha Nossa Senhora!

A minha família, sobretudo aos meus amados pais Cicero e Cleia, por terem me alicerçado e enriquecido com aquilo que dinheiro algum compra. Bem como aos meus irmãos, sendo o filho mais novo, fui precedido por quatro valiosos companheiros: Paulinho, Tony, Paulo Neto e Franklin que junto com os meus sobrinhos, formam os ramos da nossa árvore da vida.

A minha amada esposa Alci, que viveu comigo todos os momentos e sempre foi minha principal incentivadora, por vezes foi ela que me recolocou no caminho. Te amo!

Aos meus filhos, Maria Theresa e Bento Augusto, que chegaram em nossas vidas ao longo dessa caminhada e participaram com o papai de várias etapas. Nada nem ninguém poderá expressar completamente o amor que sinto por vocês. É uma conexão sem igual neste mundo, um laço eterno que sempre irá nos manter unidos.

A Santa Igreja Católica, que sendo mãe, me educou e conduziu ao conhecimento das verdades que professo e vivo. Agradeço a tantos sacerdotes amigos, que me viram crescer e em mim depositaram confiança. Em nome do Instituto Jesus Missionário dos Pobres, e das Paróquias de Nossa Senhora da Conceição (Cachoeira dos Índios) e Nossa Senhora de Fátima (Cajazeiras), instituições inerentes a minha pessoa, agradeço a todos que passaram na minha vida.

Aos meus colegas de curso, espalhados em todas as turmas que passei, especialmente a minha turma de origem 2017.1, com quem convivi intensamente durante os últimos anos, pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como formando em geografia.

Gratidão aos meus primeiros mestres, desde a Professora Aiza, minha alfabetizadora, mulher que me ensinou as primeiras letras na Escola Maria Cândido de Oliveira, bem como o Professor Aurélio, que me aguçou nos conhecimentos geográficos com sua dinamicidade nas aulas da Escola Professor Adalberto de Sousa Oliveira. Poderia citar cada nome com suas mais valiosas características positivas.

Sou grato ainda a Universidade Federal de Campina Grande e ao Centro de Formação de Professores, minha segunda casa nesses últimos anos. Sendo ela uma universidade pública, de forma aguerrida tem sido um lugar de produção, transmissão do conhecimento, formação humana, científica e tecnológica, por meio do ensino, pesquisa e extensão. Em nome do Professor Rodrigo Pessoa, meu orientador, o qual agradeço pela confiança depositada na minha proposta de trabalho e pelo melhoramento feito junto com a banca examinadora, agradeço a toda UNAGEO.

Como diria a canção: Se um dia perguntasses quem sou, não diria o meu nome; Diria: Obrigado. Por tudo e pra sempre. Obrigado, obrigado!



“É justo que muito custe o que muito vale”.

(Santa Tereza D’Ávila)

RESUMO

A Igreja Católica sendo uma instituição milenar, vem ocupando espaço na sociedade a partir de vários seguimentos, mas é na educação que seus feitos são vistos, reconhecidos e por vezes também criticados. Essa relação é observada em toda a história da colonização do Brasil e da província da Parahyba, quando aqui os padres da companhia de Jesus foram incumbidos de catequisar os povos originários e escravizados e com isso transmitirem os primeiros ensinamentos pedagógicos. Em Cajazeiras, lugar do nosso território de pesquisa, a atuação da Igreja é compreendida como fundacional, visto que o fundador da cidade, o Padre Inácio de Sousa Rolim, atuou na propagação do credo e das letras em sua primitiva Escolinha da Serraria, berço da cultura educacional do estado da Paraíba. É preciso que tenhamos também os olhos aguçados para perceber que os aspectos urbanos do lugar, observados nas ruas e avenidas da cidade, são ornadas de igrejas e colégios, que trazem em seus contornos os traços arquitetônicos europeus, trazidos por aqueles que beberam das fontes colonizadoras. A pesquisa em questão tem como objetivo compreender a relação da Igreja Católica com o desenvolvimento educacional de Cajazeiras, e como a partir das instalações dos primeiros colégios de ensino fundamental e sobretudo a instalação de instituições de ensino superior, foram importantes para a configuração da cidade como ela é hoje. Esse crescimento foi também impulsionado pela criação da segunda diocese no território da Paraíba, onde Cajazeiras foi escolhida para ser sede episcopal, dado ao seu destaque e ascendência entre outros municípios à época. Esse movimento educacional na cidade de Cajazeiras é formado por personagens ligados diretamente a Igreja, que são homens e mulheres que fizeram de suas vidas uma missão voltada para docência. Por isso, dado a largueza da questão e para assim obtermos uma melhor compreensão, realizamos pesquisas bibliográficas com foco na temática da história da educação, sobretudo no que se refere as práticas educacionais católicas.

Palavras-Chave: Educação; Igreja Católica; Desenvolvimento; Cajazeiras.



ABSTRACT

The Catholic Church, being an ancient institution, has been occupying space in society from various sectors, but it is in education that its achievements are seen, recognized and sometimes also criticized. This relationship is observed throughout the history of the colonization of Brazil and the province of Parahyba, when here the priests of the company of Jesus were tasked with catechizing the original and enslaved peoples and thus transmitting the first pedagogical teachings. In Cajazeiras, the place in our research territory, the Church's activities are understood as foundational, since its founder, Father Inácio de Sousa Rolim, directly responsible for the city's foundation, worked to propagate the creed and letters in his primitive Serraria School, cradle of the educational culture of the state of Paraíba. We also need to have sharp eyes to notice that the urban aspects of the place, observed in the streets and avenues of the city, are decorated with churches and schools, which bring in their contours the European architectural features, brought by those who drank from the colonizing sources. The research in question aims to understand the relationship between the Catholic Church and the educational development of Cajazeiras, and how the installations of the first elementary schools and, above all, the installation of higher education institutions were important for the configuration of the city as she is today. This growth was also driven by the creation of the second diocese in the territory of Paraíba, where Cajazeiras was chosen to be the bishop seat, given its prominence and ascendancy among other municipalities at the time. This educational movement in the city of Cajazeiras is made up of characters directly linked to the Church, who are men and women who have made their lives a mission focused on teaching. Therefore, given the scope of the issue and in order to obtain a better understanding, we carried out bibliographical research focusing on the theme of the history of education, especially with regard to Catholic educational practices.

Keywords: Education; Catholic church; Development; Cajazeiras.



LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTOS

Foto 01 - Antigo Seminário Jesuíta na capital paraibana.....	22
Foto 02 - Catedral Primaz de Cajazeiras, hoje Paróquia N. Srª de Fátima.....	33
Foto 03 - Catedral Nossa Senhora da Piedade	33
Foto 04 - Seminário Diocesano Nossa Srª da Assunção.....	34
Foto 05 - Colégio Diocesano Padre Rolim	34
Foto 06 - Colégio Nossa Senhora de Lourdes	34
Foto 07 - Centro de Cajazeiras com destaque para a Igreja Primaz da Cidade.....	37
Foto 08 - Centro de Cajazeiras com destaque para atual catedral da Cidade.....	38
Foto 09 - Padre Inácio de Souza Rolim	40
Foto 10 - Dom Moisés Sizenando Coelho	43
Foto 11 - Monsenhor Luiz Gualberto de Andrade	47
Foto 12 - Irmã Nirvanda Leite Rolim	51
Foto 13 - Irmã Maria Fernanda Marabello	53
Foto 14 - Carmelita Gonçalves da Silva.....	56
Foto 15 - Antiga praça da Sé e primeira catedral de Cajazeiras.....	61
Foto 16 - Antiga fachada da Escola Normal Padre Rolim, década de 1920.....	64
Foto 17 - Alunas normalista do CNSL e Religiosa Doroteia.....	65
Foto 18 - Fachada do CNSL, pós ampliação feita na década de 1930.....	66
Foto 19 - Fachada do CNSL, década de 1940	66
Foto 20 - Colégio Diocesano Pe Rolim, década de 1940	67
Foto 21 - Dom João da Mata Andrade e Amaral.	68
Foto 22 - Dom Zacarias Rolim de Moura	72
Foto 23 - Prédio da Ação Católica de Cajazeiras, primeira sede da FAFIC.....	72

MAPAS

Mapa 01 - Localização do município de Cajazeiras-PB.....	27
--	----

FIGURAS

Figura 01- Pintura de Victor Meirelles, ilustra a primeira missa no Brasil.....	16
Figura 02 - Linha do tempo das fundações das IES em Cajazeiras.....	74

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CDPR	Colégio Diocesano Padre Rolim
CE	Ceará
CFP	Centro de Formação de Professores
CNSC	Colégio Nossa Senhora do Carmo
CNSL	Colégio Nossa Senhora de Lourdes
FAFIC	Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Cajazeiras
FASP	Faculdade São Francisco da Paraíba
FESC	Fundação de Ensino Superior de Cajazeiras
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
IENS	Irmãs Escolares de Nossa Senhora
IES	Instituição de Ensino Superior
IFPB	Instituto Federal da Paraíba
Ir.	Irmã
KM	Quilômetro
Mons.	Monsenhor
MEC	Ministério da Educação
PB	Paraíba
PE	Pernambuco
Pe.	Padre
PIB	Produto Interno Bruto
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UNISM	Centro Universitário Santa Maria

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 CAJAZEIRAS-PB: CIDADE EPISCOPAL E EDUCADORA	17
2.1 AS PRIMÍCIAS DA EDUCAÇÃO NO BRASIL	18
2.2 CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO LUGAR.	24
2.3 ESCOLINHA DA SERRARIA: BERÇO DA EDUCAÇÃO SERTANEJA	29
2.4 UM URBANO EMOLDURADO PELOS TEMPLOS DA FÉ E DA CIÊNCIA	33
3 MÃOS QUE ABENÇOAM E EDUCAM	39
3.1 PELA FORÇA DA FÉ: SACERDOTES, RELIGIOSAS E EDUCADORES	39
3.1.1 Padre Inácio de Souza Rolim: O Anchieta do Nordeste	40
3.1.2 Dom Moisés Sizenando Coelho: Primeiro Bispo de Cajazeiras	44
3.1.3 Monsenhor Gualberto: Missionário da Educação	47
3.1.4 Irmã Nirvanda: Uma Doroteia Filha de Cajazeiras	51
3.1.5 Irmã Maria Fernanda Marabello: Apostola dos Pobres	54
3.1.6 Carmelita Gonçalves: Fez da Educação o seu Carmelo	57
4 IGREJA CATÓLICA: FUNDAMENTO DA EDUCAÇÃO CAJAZEIRENSE	60
4.1 FUNDAÇÃO DE UMA DIOCESE EDUCADORA.	60
4.2 NA TERRA DO PE ROLIM SURGE AS PRIMEIRAS ESCOLAS	63
4.3 O ADVENTO DO ENSINO SUPERIOR.	71
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	78



1. INTRODUÇÃO

*“No horizonte turbado, o fulgor
De uma estrela brilhou, sertaneja:
Cajazeiras, Diocese, és penhor
Da atuante presença da Igreja!”*

*Hino da Padroeira
Por Pe Antônio Luiz do Nascimento.*

Muitos motivos nos colocaram a caminhar pelas estradas da história da educação fincadas nos torrões do sertão paraibano, mais precisamente na terra alicerçada pelo trabalho dos homens e mulheres que entraram para história como desbravadores audaciosos, objetivando fincar aqui um celeiro de saberes e de fé. A cidade de Cajazeiras-PB recebeu desde a sua fundação, quando ainda era uma propriedade rural privada, predileta atenção por parte da Igreja Católica, que através de seus pares, possibilitou a construção de uma cidade moldada pela educação. Assim, a Fazenda Cajazeiras tornou-se com o tempo uma cidade educadora, ofertando por meio da Igreja os primeiros acessos a educação primária e superior.

O nosso desejo por pesquisar acerca da relação da Igreja Católica com a educação em Cajazeiras e como essa relação se mostrou importante e necessária ao longo do tempo para que houvesse a consolidação do projeto educacional do Padre Rolim, nasce desde os tempos do seminário. Vir morar em Cajazeiras por um curto período de tempo foi suficiente para que fôssemos tocados pelas marcas da história do Padre Mestre. Contemplar as ruas e avenidas com imponentes edificações de igrejas e escolas foi o despertar para compreender esse processo de desenvolvimento. Também o curso de Geografia, com seu foco em entender as relações do homem com o espaço, ajudou a aguçar essa busca por entendimento, afinal, o geógrafo francês Elisée Reclus afirmava que “A Geografia é a História no espaço e a História é a Geografia no tempo”. Podemos daí, verificar a importância que os conhecimentos em história são essenciais em nossos estudos geográficos.

Nosso trabalho percorre o itinerário educacional que a cidade de Cajazeiras viveu, desde a fundação do primeiro agrupamento de ensino, fundado pelo próprio Pe Inácio de Sousa Rolim em 1829 e os desdobramentos da educação cajazeirense, até a instalação da primeira faculdade em 1970, um recorte histórico de cerca de 150

anos, desde o primeiro evento educativo até a chegada das instituições de ensino superior. Tal temática nos cobra a necessidade de analisar muitos pontos-chave, como a questão das instituições aqui fundadas, os personagens que tiveram destaque e a realidade como um todo, seja na parte histórica, econômica, política e social do município, pesquisando fontes documentais, revisando outras literaturas e contribuindo com o nosso conhecimento.

A partir desse desejo de entendimento da história da educação cajazeirense nos moldes do catolicismo, uma pergunta interna nos norteou em todo o processo: como a Igreja Católica participou como protagonista do desenvolvimento de Cajazeiras-PB (sobretudo o desenvolvimento no setor de ensino)? E mais, quais foram os esforços feitos por seus líderes para conseguirem esse triunfo? Por isso a busca por respostas.

Esse trabalho tem como objetivo geral: Compreender a relação da Igreja Católica com o desenvolvimento educacional de Cajazeiras, a partir das instalações de instituições de ensino primário, secundário, técnico e superior. Também objetivamos de forma específica: Analisar a linha do tempo que marca os prelúdios da educação no Brasil, na Paraíba e na cidade de Cajazeiras; Identificar pessoas que participaram do processo e marcaram a história da educação com suas atuações; Conhecer os caminhos que levaram a Igreja a criar uma cidade episcopal com foco na educação.

As metodologias de pesquisa são ferramentas que nos ajudam a responder os questionamentos iniciais e a investigar o nosso objeto de estudo. No presente trabalho utilizaremos do método de pesquisa bibliográfica, onde iremos conversar com outros autores que já beberam desta fonte e com eles deixar a nossa contribuição para o melhoramento de pesquisas com foco em história da educação.

Com relação a organização estrutural dos capítulos a seguir, dividimos os mesmos em três. O primeiro vai nos colocar frente aos contextos históricos e geográficos, fazendo o leitor percorrer os caminhos da introdução da educação no Brasil colônia e na província da Parahyba, a partir da atuação dos Jesuítas, também verificamos a gênese da educação de Cajazeiras a partir da primitiva Escolinha da Serraria e o entendimento da geografia do lugar estudado, conhecendo seus aspectos físicos, naturais e sociais.

No segundo capítulo haveremos de fazer dele um recorte bibliográfico, contendo a trajetória de homens e mulheres, sacerdotes, religiosas e leigos, que fizeram de suas vidas uma atuação permanente em busca da consolidação da educação, tendo suas vidas e apostolados marcados na história como profetas do saber.

Por fim, no quarto capítulo fazemos nele uma retrospectiva dos eventos que antecederam o desenvolvimento educacional de Cajazeiras, com foco para a fundação da Diocese de Cajazeiras, no momento em que a Igreja escolhe essa cidade para sediar uma cátedra episcopal e como esse feito foi oportuno para que posteriormente surgissem importantes escolas, ginásios, colégios, culminando com a implantação do ensino superior.

Esse itinerário de pesquisa nos é motivador, pois o intuito de deixar para posteridade um pouco da nossa história escrita, não correndo assim o risco de seguirmos um caminho alheio ou que não tenhamos ideia dos processos que muitos tiveram que viver para que hoje tivéssemos oportunidades de ensino, pesquisa, extensão e vivências acadêmicas, em centros educacionais e universitários que se destacam pela qualidade de suas práticas. Também nos diz o conhecimento popular, tão rico e cheio de verdades: só se sabe para onde vai, quando se lembra de onde veio. Quem esquece de suas origens, está arriscando se perder no caminho.



2. CAJAZEIRAS-PB: CIDADE EPISCOPAL E EDUCADORA

*“De uma Escola, na origem, o Mestre
Padre Inácio de Sousa Rolim,
sacerdote exemplar, incontestado,
fez soar, da cidade, os clarins”.*

*Hino do Centenário da Diocese,
Por Pe Antônio Luiz do Nascimento.*

Por inúmeras veredas e caminhos foram necessários trilhar para recebermos o codinome “cidade que ensinou a Paraíba a ler”. Esse processo certamente teve seu ápice nas trajetórias de vida de homens e mulheres que aqui fizeram do seu apostolado um marco de doação com dupla personalidade - fé e vida - que na prática se configurava como uma única missão, utilizar das ferramentas e estruturas que a Igreja oferecia, para atrair pessoas e com isso transformar vidas por meio da educação.

Todavia, é preciso que voltemos o nosso olhar para o passado, para que assim tenhamos ideia de como se deu esse processo, que começou desde os primórdios da colonização do Brasil, passando pelos desbravamentos de nossa região, chegando a consolidação daquilo que chamamos de cidade episcopal, dado a sua natureza como sede de uma Igreja particular, o que se denomina de Diocese. E cidade Educadora, haja vista as instituições que aqui foram instaladas e como essas moldaram a vida e a identidade do lugar.

Nesse capítulo haveremos de abordar um pouco da trajetória que teve o desenvolvimento educacional de Cajazeiras à luz da Igreja Católica, sem esquecer do início das práticas educativas no Brasil colônia, olhando para a história e a geografia de Cajazeiras e como se deu a linha do tempo desde o primeiro agrupamento educacional, chamado de Escolinha da Serraria, chegando aos centros universitários do hoje, tornando assim o urbano da cidade, um lugar emoldurado pelos templos da fé e da ciência.

2.1 AS PRIMÍCIAS DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

A relação que existe entre a história do Brasil, o processo de introdução dos métodos educacionais e a Igreja Católica, se deu desde o marco fundante da colonização que foi o evento do dia 26 de abril de 1500, quando o Frei Henrique de Coimbra aqui celebrou a primeira missa na então chamada Terra de Santa Cruz. Com esse ato inaugural, foi dado início a catequização dos povos originários, que na sua gênese se configurava como sendo também um ato de letramento, em virtude da falta de pessoas capacitadas para o ensino, o que incumbiu aos colonizadores a necessidade de no ato de catequizar, transmitindo a fé aos pagãos, também oferecer o básico das letras. Segundo Saviani (2008. p. 41) tal tarefa, foi desenvolvida por missionários advindos de importantes ordens religiosas da igreja tais como franciscanos, carmelitas, beneditinos, oratorianos e capuchinhos, porém foram os membros da companhia de Jesus, chamados popularmente de Jesuítas, os personagens principais a assumirem a valorização da educação, criando instituições, expandindo seus trabalhos para diversas regiões, com o intuito de expandir as ideias e costumes do catolicismo romano.

Figura 1: Pintura de Victor Meirelles, ilustra a primeira missa no Brasil (1861).



Fonte: <https://floripacentro.com.br/primeira-missa-no-brasil-na-sua-famosa-tela-victor-meirelles-reproduziu-o-morro-da-cruz-em-florianopolis/>.

Olhando para etimologia da palavra “colonizar”, percebemos que sua origem vem do latim, que significa cultivar, ou mesmo trabalhar o campo, povoar o campo. Desse modo, “colônia” pode ser entendido como o espaço que se ocupa, ou mesmo,

entendido como gente que é trabalhada, sujeitada, tomada conta, trazendo assim a ideia de cuidar, cultivar, não somente a terra, mas o homem propriamente dito. Desse modo, entendemos a processo de colonização como sendo o processo que transmitiu não somente a educação das letras, dos valores, dos credos e das crenças, mas de forma mais direta, foi o processo que adentrou em um espaço alheio, gerando aquilo que chamamos de aculturação de valores, princípios e ideias que partiam diretamente do homem colonizador para o ser colonizado, impondo questões verticalmente. Essa aculturação é vista como totalmente agressiva e violenta, pois àquele a quem recebe, tem a sua vida, história, cultura e demais práticas desrespeitadas e anuladas, sem que seja dada a devida importância aos mesmos.

Assim Saviani coloca:

“O processo de colonização abarca, de forma articulada mas não homogênea ou harmônica, antes dialeticamente, esses três momentos representados pela colonização propriamente dita, ou seja, a posse e exploração da terra subjugando seus habitantes (os índios); a educação enquanto aculturação, isto é, a inculturação nos colonizados das práticas, técnicas, símbolos e valores próprios dos colonizadores; e a catequese entendida como a difusão e conversão dos colonizados à religião dos colonizadores” (SAVIANI, 2008, p. 29).

Desse modo, podemos compreender que no mesmo movimento de colonização, os missionários da companhia de Jesus, puderam exercer a sua dupla missão de educar e catequizar os povos originários, que tinha como finalidade a expansão do credo católico para outros territórios e fronteiras.

De acordo com Bihlmeyer e Tuechle (1965, p. 180), os missionários da Companhia de Jesus chegaram ao Brasil em 29 de março de 1549, advindos com o primeiro Governador-Geral do Brasil Tomé de Souza, executando aquilo que era vontade do próprio Dom João III. Após acordos com o próprio fundador dos Jesuítas, Inácio de Loyola, foram escolhidos como os primeiros enviados para as terras colônias de Portugal os Padres: Manoel da Nóbrega, Leonardo Nunes, Antonio Pires, João de Aspícueta Navarro, bem como os leigos Vicente Rodrigues e Diogo Jácome que posteriormente foram ordenados sacerdotes em terras brasileiras. É nítido que a escolha por sacerdotes e pessoas ligadas diretamente a Igreja Católica, para compor as primeiras caravanas advindas para terras brasileiras, tinha como primeiro objetivo a catequização e inculturação cristã dos povos ameríndios. O letramento e a

alfabetização dispensada as sociedades originárias foram consequências tardias do processo.

Essa primeira comunidade Jesuíta, se estabeleceram na Bahia, que fora capital da colônia e de lá partiram em muitas missões para os mais diferentes destinos que estavam sendo desbravados, tais como: São Vicente, Pernambuco, Espírito Santo, Porto Seguro, Ilhéus, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, “fazendo-se cada uma dessas cidades ou vilas, por sua vez, centro de irradiação missionária, ou para simples catequese, ou para apaziguamento dos índios, ou para acompanhar expedições militares” (BIHLMAYER, TUECHLE, 1965, p. 182).

Um outro missionário jesuíta dos primórdios da colonização merece destaque pela sua atuação catequética junto dos povos originários, trata-se do Padre Antônio Vieira, exímio orador sacro que conseguiu de Felipe II, já em 1609, a abolição da escravidão indígena, ficando os mesmos sob o amparo dos religiosos “tanto nos aldeamentos abertos do Norte, como nos aldeamentos fechados do Sul” (BIHLMAYER e TUECHLE, 1965, p. 237).

Bihlmeyer e Tuechle (1965), em sua obra utiliza do pensamento do Padre Júlio Maria, onde o mesmo vai narrar que a contribuição dos jesuítas no processo de formação e colonização do Brasil deve ser entendida a partir de três pontos: “a obra humanitária, a obra política e a obra católica. A obra humanitária foi a defesa do indígena; a obra política foi a tentativa de formar um povo aborígine (reduções); a obra católica, a catequese” (MARIA, Júlio, s.d., apud BIHLMAYER, TUECHLE, 1965, p. 183).

“Os missionários fundaram aldeias para a civilização inicial cristã mais estável. Ali ensinavam os silvícolas a ler e escrever e a ter vida social, agrícola e pastoril e, principalmente, insistiam nos rudimentos da doutrina e práticas concretas do cristianismo. Respeitavam os direitos e liberdade da pessoa humana dos seus neófitos, embora isso contrariasse os interesses dos conquistadores” (BIHLMAYER, TUECHLE, 1965, p. 188).

A história nos testemunha de que existia um grande interesse por parte daqueles que conquistaram as terras brasileiras de fazer dos indígenas escravos, haja vista a grande mão de obra que eles poderiam obter, sendo essa financeiramente barata, ou mesmo gratuita. Todavia, o papel dos jesuítas não era somente de pregadores e catequistas, eles exerciam autoridade oficial e influência no meio político

daquele momento, o que possibilitou a criação de muitas unidades educacionais no Brasil colônia, o que, atrelado ao ato de educar, eles combateram esse desejo do homem colonizador.

Bihlmeyer e Tuechle nos diz:

“Os vários fundadores dos colégios nas capitâneas, no início do ciclo áureo dos jesuítas no Brasil foram: Pe. Nóbrega, na Baía; Pe. Aspicuelta Navarro, em Porto Seguro; Pe. Antonio Brás, no Espírito Santo; Pe. Antonio Pires, em Pernambuco; Pe. Leonardo Nunes, em S. Vicente; o Irmão José de Anchieta em S. Paulo; Pe. Nóbrega e outros, no Rio de Janeiro” (BIHLMAYER, TUECHLE, 1965, p. 184).

A missão e instalação de colégios pelos padres jesuítas teve seu epílogo com a expulsão dos missionários da Companhia de Jesus, bem como a apreensão de todo o seu acervo de bens, evento esse que se deu em setembro de 1759, que com o decreto do Rei D. José I, sob as influências de Sebastião José de Carvalho e Melo, conhecido como conde de Oeiras, que mais tarde tornou-se Marquês de Pombal, fazendo com que todos os jesuítas voltassem para as florestas junto com os indígenas.

É esse o momento posterior à saída dos missionários dos trabalhos educativos, tido como um período de descensão, pois o ensino público, as formações dos povos levando em consideração os ensinamentos sociais, culturais e religiosos entraram em decaimento pelo fechamento à força dos colégios e missões instaladas.

O Marquês de Pombal instalando a conhecida reforma pombalina, fez com que a secularização do ensino fosse adotada, desse modo, tudo aquilo que teve origem por parte dos missionários jesuítas foi descartado, com o intuito de que a educação fosse controlada pelo Estado e houvesse a padronização do currículo, sob o impulso das correntes do iluminismo francês.

A nível de estado é importante adentrarmos mesmo que sutilmente ao modo de como se deu a conquista e fundação da Paraíba, para que desse modo tenhamos ideia do processo de ocupação do território estadual em que o nosso objeto de estudo está inserido.

Segundo Lira (2002), transcorria o ano de 1534, quando Dom João III, rei de Portugal determinou o desmembramento do território de Itamaracá, dando formação

para a Capitania do Rio Paraíba. Nesse período havia o grande desejo por parte dos europeus de conquistar a capitania que atualmente é a Paraíba, pois assim sendo, havia a garantia de progresso junto com a capitania de Pernambuco e desse modo haveria a possibilidade de extensão do processo colonizatório para além norte. Assim começaram as cinco expedições para a conquista da Paraíba.

Foram quatro expedições mal sucedidas que tinham como objetivo a conquista da Paraíba, fazendo com que houvesse a repressão dos indígenas. Lira (2002), expõe que as duas primeiras expedições ocorreram em 1574 e 1575, respectivamente, sendo a primeira delas comandada pelo ouvidor Geral Dom Fernão da Silva, o qual tomou posse das terras em nome do rei sem que houvesse resistência por parte dos povos indígenas, mas isso mais tarde configurou-se como sendo uma armadilha, pois sua tropa foi surpreendida por indígenas mais violentos, e tiveram que recuar para Pernambuco. Já na segunda expedição, comandada pelo Governador Geral Dom Luis de Brito nem sequer chegou às terras paraibanas, pois foi prejudicada por ventos desfavoráveis, tendo que abortar a missão.

Lira (2002), relata que na terceira tentativa, em 1579, dessa vez sob o comando do Capitão Frutuoso Barbosa, o qual determinou que se ele conquistasse a Paraíba, teria o direito a governar por dez anos. Tal ideia não lhe trouxe boa sorte, visto que estando vindo à Paraíba, caiu sobre sua frota uma forte tempestade o que lhe obrigou a desistir. Em 1582, na quarta expedição com a mesma proposta imposta por ele na expedição anterior, Frutuoso Barbosa volta decidido a conquistar a Paraíba, mas se torna mais uma vítima da armadilha dos índios e dos franceses. Dessa vez até pior, o mesmo desiste após perder um filho em combate. Foi somente em 1584, que na quinta expedição de conquista da Paraíba, tendo a presença de Flores Valdez, Felipe de Moura e o insistente Frutuoso Barbosa, que conseguiram finalmente expulsar os franceses e conquistar a Paraíba. Após a conquista, eles construíram os fortes de São Tiago e São Felipe (LIRA, 2002).

Lira (2002), ainda afirma:

“(...) tropa constituída por brancos, índios, escravos e até religiosos. Quando aqui chegaram se depararam com índios que sem defesa, fogem e são aprisionados. Ao saber que eram índios Tabajaras, Martim Leitão manda soltá-los, afirmando que sua luta era contra os Potiguaras (rivais dos Tabajaras). Após o incidente, Leitão procurou formar uma aliança com os Tabajaras, que por temerem outra traição, a rejeitaram. Depois de um certo tempo Leitão e sua tropa finalmente

chegaram aos fortes (São Felipe e São Tiago), ambos em decadência e miséria devido as intrigas entre espanhóis e portugueses. Com isso Martim Leitão nomeou outro português, conhecido como Castrejon, para o cargo de Frutuoso Barbosa. A troca só fez piorar a situação. Ao saber que Castrejon havia abandonado, destruído o Forte e jogado toda a sua artilharia ao mar, Leitão o prendeu e o enviou de volta à Espanha. Quando ninguém esperava, os portugueses se unem aos Tabajaras, fazendo com que os Potiguaras recuassem. Isto se deu no início de agosto de 1585. A conquista da Paraíba se deu no final de tudo através da união de um português e um chefe indígena chamado Piragibe, palavra que significa Braço de Peixe” (LIRA 2002).

A história da conquista e fundação da Paraíba nos apresenta como sendo João Tavares o primeiro capitão-mor, ao qual governou de 1585 a 1588 a Capitania da Paraíba. O mesmo foi encarregado pelo Ouvidor-Geral, Martim Leitão, de construir uma nova cidade. Lira (2002), relata que para a edificação dessa cidade, vieram cerca de 25 cavaleiros, além de pedreiros e carpinteiros, entre outros trabalhadores do gênero. Chegaram também jesuítas e outras pessoas para residir na cidade. Os jesuítas ficaram responsáveis pela catequização dos índios.

Foi a mando de Frutuoso Barbosa, que os jesuítas se puseram a construir um colégio na então Felipéia de Nossa Senhora das Neves. Todavia, devido a desavenças com outra ordem presente na história da conquista da Paraíba os Franciscanos, que não usavam métodos de educação tão rígidos como os Jesuítas, a ideia foi interrompida. Lira (2002) ainda coloca que aproveitando esses desentendimentos entre as duas ordens religiosas, o rei que andava descontente com os Jesuítas pelo fato de estes não permitirem a escravização dos índios, culpou os jesuítas pela rivalidade com os Franciscanos e expulsou-os da capitania. Somente cento e quinze anos depois, os Jesuítas voltaram à Paraíba fundando um colégio onde ensinavam latim, filosofia e letras, que com o passar do tempo tornou-se o hoje, Lycel Paraibano. Em 1728, os jesuítas foram novamente expulsos. Em 1773, o Ouvidor-Geral passou a residir no seminário onde moravam os jesuítas, com a permissão do Papa Clementino XIV, tornando-se assim a sede oficial do Governo da Paraíba até os dias atuais.

Foto 1 – Antigo Seminário Jesuíta na capital paraibana



Fonte: https://www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g303428-d2342238-r657038595-Museu_e_Cripta_de_Epitacio_Pessoa-Joao_Pessoa_State_of_Paraiba.html.

Testemunhamos desse modo, que mesmo sendo uma história marcada por lutas, guerras entre povos, domínio do opressor para com o oprimido, a história da introdução da educação na então capitania da Paraíba é moldada também pelo o que entendemos como relação característica da Igreja Católica com a educação no Brasil, que remonta o período da colonização até os dias atuais.

É preciso também entender que as missões jesuíticas no Brasil procuravam acima de tudo difundir o credo e criar comunidades católicas, com base na cultura trazida da Europa. O trabalho catequético foi prioritário em todo o processo colonizatório, sendo a educação institucionalizada, consequência das estratégias que usaram para civilizar os povos originários. Compreendemos desse modo, que os costumes tradicionais, as crenças milenares e as tradições dos vários povos, foram ao longo da expansão do catolicismo anulados, invalidados, com vista a implantação de costumes estranhos aquele povo. Fica desse modo os nossos questionamentos de entendimento, para saber até que ponto esse ato de educar, excluindo os saberes próprios dos nativos, foram com o tempo endeusados pelas histórias criadas e contadas por muitas gerações.

2.2 CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO LUGAR

Para seguirmos adiante, conhecendo os fatos que nos inquietam e obrigam a pesquisar um pouco mais sobre o desenvolvimento do município de Cajazeiras-PB, atestando que esse desenvolvimento se deu de forma expressiva a partir da relação que sempre houve entre educação e fé, é necessário irmos um pouco mais a fundo no que diz respeito ao contexto histórico e geográfico do lugar estudado.

Quanto a questão do lugar para a ciência geográfica, é necessário bebermos de fontes que são verdadeiras referências no entendimento deste conceito e que nos fazem compreender que o lugar é o espaço vivido na sua singularidade, espaço que nele é tido as convergências e divergências da modernidade, que permite que seja criado novas e diversas formas de viver e que haja efetivamente relações socioespaciais consolidadas. O geógrafo brasileiro Milton Santos, em suas obras mais caras, aborda por diversas vezes esse conceito fazendo desse modo uma análise global, como sendo o lugar aquele espaço pelo qual comporta uma realidade local, daquilo que se vive ali, como sendo um espaço único das práticas sociais, culturais e outras próprias da natureza humana.

Assim é definido o lugar segundo Santos (1997):

“A palavra lugar é, como outras do vocabulário geográfico, preñe de ambiguidades, já que a região é, também, um lugar e a própria expressão região serve para designar extensões diferentes. Sabemos a priori que a dimensão geográfica do tempo mais externo é o mundo, mas não sabemos qual a extensão do tempo mais interno. Ainda que um método laboriosamente estabelecido pudesse permitir, a posteriori, reconhecer esse tempo interno mais pequeno, tal constatação não seria absoluta” (SANTOS, 1997).

Desse modo, Santos vai reconhecer que cada lugar ele tende a se tornar alvo de diversos fenômenos externos, sendo desse modo o tempo do mundo, configurado como tempo do lugar. O mesmo coloca que o ser humano até tira proveito das vantagens ofertadas pelo mundo, mas, somente a partir das suas vivências no lugar, eles se tornam sujeitos efetivos. É pelas relações locais que os movimentos do mundo podem ser compreendidos. “Mas, nos dias atuais, os lugares são condição e suporte de relações globais que sem eles (lugares) não se realizam” (SANTOS, 1997).

Adentrando ao conhecimento histórico do lugar estudado, segundo a historicidade popular, a origem do município de Cajazeiras-PB remonta a meados do século XVIII, quando o território que corresponde a sua delimitação geográfica atual passou a fazer parte de uma sesmaria concedida pelo governador Jerônimo José de Melo, a Luís Gomes de Albuquerque, natural de Pernambuco. Tal propriedade foi posteriormente usada como pagamento de dote por Luís Gomes de Albuquerque à Vital de Souza Rolim, por ocasião do casamento do mesmo com Ana de Albuquerque, personalidade marcante de Cajazeiras, que posteriormente ficou conhecida como Mãe Aninha, principal protagonista da história da vida do seu filho o Padre Mestre Inácio de Sousa Rolim.

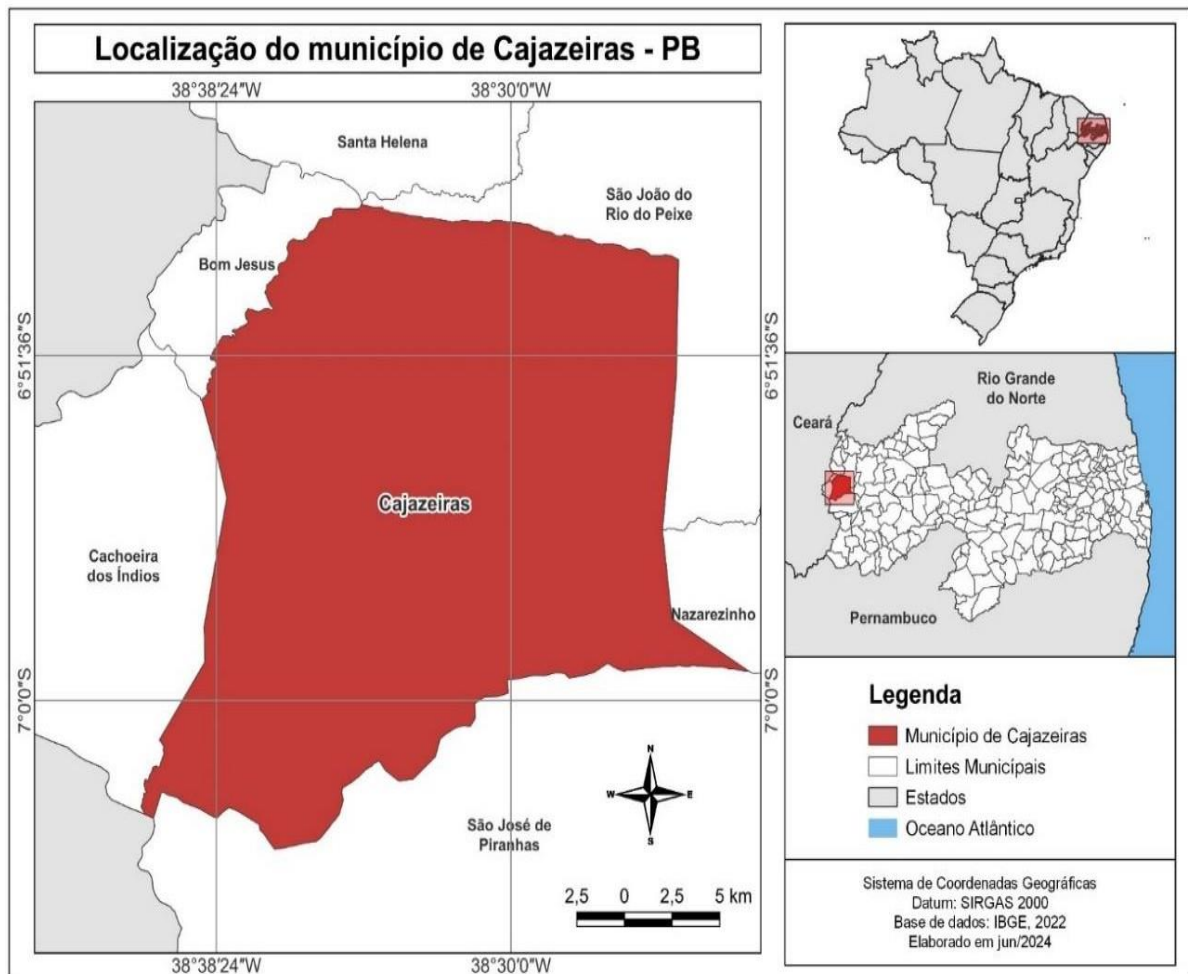
Em 22 de agosto de 1800, acontece o nascimento do Padre Rolim, sacerdote católico tido como fundador da cidade de Cajazeiras, esse que mesmo tendo crescido, estudado e viajado por muitos lugares, retorna ao seu local de origem e funda em 1843 o seu colégio, responsável por acelerar a povoação do lugar e sendo esse um atrativo para a chegada de muitas outras famílias em busca de ensino para seus filhos. Assim, aquele pequeno sítio começa a crescer, tendo sua base firmada na educação, fazendo com que Cajazeiras ao seu modo e ao seu tempo fosse um dos mais importantes núcleos de povoação à época. (SOUZA,1981).

Já em 1859, vivendo sob a óptica do Brasil Imperial, pela lei provincial nº5, datada de 29 de agosto do mesmo ano, ocorreu a elevação do povoado de Cajazeiras para a condição de distrito, sendo o mesmo parte administrativa do município de Sousa-PB. Transcorrido quatro anos, em 22 de novembro de 1863, a lei provincial nº 92 desmembra Cajazeiras de Sousa e eleva o distrito à categoria de vila. Por fim, em 10 de julho de 1876, Cajazeiras é elevada à categoria de cidade, tornando-se oficialmente um município Paraibano. (SOUZA,1981).

Segundo dados do IBGE (2022), Cajazeiras é um município brasileiro, que está situado na parte extrema ocidental do estado da Paraíba. Pertence a região Geográfica intermediária de Sousa-Cajazeiras e tem a sede do município como sendo a principal de sua região geográfica imediata, estando distante 475 quilômetros da capital do estado, João Pessoa. O município de Cajazeiras possui uma área de 586,275 km², representando 1,0388% do território paraibano, 0,0377% da área da Região Nordeste do Brasil e 0,0069% de todo o território brasileiro. Desse total 2,8193 km² estão em perímetro urbano. Seus municípios limítrofes são Santa Helena e São

João do Rio do Peixe a norte, São José de Piranhas a sul, Nazarezinho a sudeste, novamente São João do Rio do Peixe a leste e Bom Jesus e Cachoeira dos Índios a oeste.

Mapa 1: Localização do município de Cajazeiras-PB.



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Olhando um pouco para a parte da geografia física do lugar, podemos observar que o município de Cajazeiras está inserido na “Planície Sertaneja”. Tal classificação geomorfológica é constituída de elevações alongadas e alinhadas, com pediplanos rasos. O mesmo possui uma altitude de 298 metros acima do nível do mar, e tem como principal tipo de solo o podzólico vermelho-amarelo, tendo um alto nível de fertilidade, com texturas média e média cascalhenta, acentuadamente drenado, e

relevo suave, latossolos, porções restritas e solos de aluvião, resultado da desagregação e da decomposição de rochas cristalinas do embasamento.

Hidrograficamente, o município de Cajazeiras-PB encontra-se com toda sua área territorial inserida da bacia hidrográfica do Rio Piranhas, sub-bacia do Rio do Peixe. Seus principais rios são o Rio Piranhas e o Rio do Peixe. O Rio Piranhas/Açu nasce próximo à divisa da Paraíba com o Ceará, na Serra do Bongá, no município de Bonito de Santa Fé, com 213 quilômetros de extensão, percorre todo o sertão paraibano, saindo da Paraíba pelo município de Brejo do Cruz e entrando no Rio Grande do Norte pelo município de Jardim de Piranhas, até desaguar no Oceano Atlântico pelo município de Macau; pelo fato de nele estar localizada a Barragem Mãe d'Água (em Coremas), que irriga muitas terras próximas, o rio é de extrema importância para o estado da Paraíba. O outro rio que corta o território de Cajazeiras é o Rio do Peixe, que deságua no Rio Piranhas.

Segundo a classificação climática de Köppen, o clima de Cajazeiras é o semiárido quente e seco, com elevadas temperaturas durante o dia e temperaturas mais amenizadas à noite. As temperaturas médias variam entre 23°C e 30°C (devido a oscilações médias os valores podem variar abaixo ou acima das médias), além de chuvas escassas e irregulares, com uma pluviosidade abaixo dos seiscentos milímetros anuais. O clima de Cajazeiras é definido em duas estações: a estação das secas (verão), que costuma ocorrer entre os meses de setembro e dezembro, e a estação chuvosa (inverno), dominada pelas chuvas. O mês mais quente é novembro, com uma média de 27,25°C, sendo 21,9°C e 33,3°C as médias mínima e máxima, respectivamente. E o mês mais frio, junho, tem uma temperatura mínima de 19°C e máxima de 27,7, com uma média de 23,35°C. A precipitação média anual é de 896,7 mm, sendo outubro o mês mais seco, quando ocorrem 12,5 mm. Em março, o mês mais chuvoso, a média fica em 244,3 mm.

Segundo o IBGE (2022), no que diz respeito a economia, o Produto Interno Bruto – PIB – de Cajazeiras é o maior de sua microrregião, destacando-se na área de prestação de serviços. Em 2021, o PIB per capita era de R\$ 19.683,9. Na comparação com outros municípios do estado, ficava nas posições 14 de 223 entre os municípios do estado e na 3173 de 5570 entre todos os municípios. Já o percentual de receitas externas em 2015 era de 76,7%, o que o colocava na posição 196 de 223 entre os

municípios do estado e na 4091 de 5570. Em 2017, o total de receitas realizadas foi de R\$ 116.751,94 e o total de despesas empenhadas foi de R\$ 119.997,38. Isso deixa o município nas posições 9 e 7 de 223 entre os municípios do estado e na 749ª e 655ª de 5570 entre todos os municípios. Nesse mesmo período, o salário médio mensal era de 1,7 salários mínimos, sendo que a proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 17,04%.

Com todas essas características, Cajazeiras-PB se configura como sendo um município de grande importância em sua mesorregião, mesmo tendo hoje o perfil de um lugar que ainda caminha para um melhor desenvolvimento e que não oferece aos seus munícipes toda a estrutura necessária para que haja uma melhor qualidade de vida e bem estar entre todos.

2.3 ESCOLINHA DA SERRARIA: BERÇO DA EDUCAÇÃO SERTANEJA

Olhando para a linha do tempo que narra a história do desenvolvimento do setor educacional de Cajazeiras, testemunhamos que o marco fundante desse movimento que aqui foi instalado foi a iniciativa do Padre Inácio de Souza Rolim de criar nas dependências da fazenda de seus pais, mais precisamente no Sítio Serrote, localizado no extremo oeste da então Província da Paraíba, limitando-se com o vizinho estado do Ceará, uma pequena instituição de ensino que denominou-se inicialmente como Escolinha da Serraria.

De acordo com Souza (1981), o Padre Mestre Inácio de Souza Rolim, após a sua ordenação presbiteral, tendo recebido convite para permanecer em Pernambuco ministrando suas aulas de Latim e Grego, inquietado pelo desejo que tinha em seu coração, o mesmo retorna para o então sítio Serrote, que mais tarde tornou-se Cajazeiras, com o ideal de educar sua gente, instruindo crianças, adolescentes e adultos. Foi desse modo, que em 1829, o Sacerdote dava início às atividades da Escolinha da Serraria, uma pequena casa de madeira que abrigava meia dúzia de estudantes e que foi o embrião de tantas instituições de ensino, bem como alicerce da trajetória educativa para que posteriormente a futura cidade tornar-se um dos principais centros educacionais do nordeste brasileiro.

Tendo a então escola do Padre Rolim sido instalada e bem aceita na região, e dado a qualidade de ensino-aprendizagem que seus educandos eram habilitados e encaminhados posteriormente para o ingresso nos cursos superiores, a Escolinha da Serraria teve um grande ganho de alunos advindos dos mais longínquos lugares, em busca de ter com o Padre Rolim acesso a uma educação de “primeiro mundo” à época. Ao testemunhar esse avanço da escola na região, o seu fundador, em 1836, transferiu-lhe para o prédio com uma melhor estrutura, feito de alvenaria, que mesmo sendo ainda pequeno, entregava melhores condições para realizar as atividades que eram desenvolvidas. O local ia crescendo de acordo com o aumento de matrículas de novos alunos, ganhando proporções antes talvez não imaginadas por aquele que um dia sonhou com esse feito.

Souza (1981), assim relata: “A casa de ensino do Padre Rolim se fazia à proporção que chegavam os novos discípulos. Cada aluno esperava por seu teto, embora já encontrasse o seu livro.” (SOUZA,1981). A passos que crescia o colégio, em 1843, com a autorização do Presidente da Província da Paraíba, o estabelecimento de ensino do Padre Mestre foi estabelecido como Colégio de Instrução Secundária, recebendo a denominação de Colégio Padre Rolim. Com esse ato, surgiu então, o pioneiro entre os colégios do interior da Paraíba, fato esse que fez com que o advogado e político Alcides Vieira Carneiro, expressasse poeticamente o codinome de Cajazeiras: “cidade que ensinou a Paraíba a ler”. Dia após dia, a Escolinha da Serraria recebia muita procura por suas aulas, excedendo as condições físicas de sua estrutura, pois, além dos alunos do interior da Paraíba, a escola foi recebendo alunos advindos de outros municípios, que vinham das então Províncias do Rio Grande do Norte, Ceará, Pernambuco e Piauí.

Com o crescimento acelerado do Colégio, paralelo ao seu desenvolvimento, acontecia o desenvolvimento da povoação fundada pelos pais do Padre Rolim, Vital de Souza Rolim e Ana Francisca de Albuquerque, o que possibilitou os avanços para o crescimento daquilo que entendemos como Geografia Urbana do lugar. Outro ponto que fomentou o desenvolvimento do estabelecimento de ensino e de todo o seu entorno foram as personalidades que passaram pela regência do Padre Rolim, como nos relata Souza (1981): “a exemplo do Cardeal Joaquim Arcoverde, o Padre Cícero Romão Batista, o Padre José Tomas de Albuquerque, o historiador Irineu Jofilly, o

Desembargador José Peregrino, o jurista Aprígio de Sá, o Padre Manoel Mariano de Albuquerque, os médicos Luiz Correia de Sá e Higino Rolim, dentre outros”.

Com o impulso do ensino ministrado pelo Padre Inácio de Souza Rolim, o lugar foi se desenvolvendo de um modo que, em um intervalo de apenas cinco décadas, passou de uma pequena povoação à condição de vila, sede de comarca, e posteriormente município paraibano. Tal fato, faz com que a figura de Padre Rolim seja vista hoje como o maior benfeitor do lugar e fundador da cidade, pois foi a sua obra e missão que deu o impulso necessário e suficiente para a emancipação política, religiosa e educacional do lugar.

Assim, afirma Souza:

“Como núcleo social, político, econômico e religioso, Cajazeiras tem sua originalidade singular, dentre todas as cidades do Brasil, excetuando-se São Paulo, pois teve, como a metrópole paulista, seus alicerces firmados em um estabelecimento de ensino. “Nasceu ao beiral de um Colégio” (SOUZA, 1981).

No intervalo entre os anos de 1855 e 1857, o Padre Rolim, obediente aos seus superiores, ausentou-se afim de lecionar grego em Pernambuco, momento esse em que o seu Colégio precisou ficar sob a direção de seu sobrinho, José Tomaz de Albuquerque, que mais tarde, seguindo os passos do tio, tornou-se também sacerdote católico. Foi nesse mesmo período, tendo a região sido tomada por um grave surto de cólera, o Colégio precisou ser momentaneamente transferido para uma fazenda no interior da Província do Ceará, na região dos Inhamuns.

É relevante ressaltar que em um momento onde o ensino era elitista e destinado principalmente para os rapazes, o Padre Rolim dar um passo importante no seu tempo ao fundar um anexo no seu Colégio destinado para a educação feminina. Desse modo, Souza, 1981 afirma que em 16 de agosto de 1858, com a permissão do Presidente da Província da Paraíba, Beaurepaire Rohan, a Professora Vitória dos Santos Rolim de Albuquerque pode ensinar as primeiras letras do Ensino Primário para as meninas. É importante destacar que, também em 1858, na sede da Província, hoje João Pessoa, capital do estado da Paraíba, foi fundado o Colégio Nossa Senhora das Neves, pioneiro em educação feminina na região à época.

Durante a regência do Padre Rolim, o seu colégio teve seu ápice em número de matriculados no ano de 1860, quando o mesmo contou com o número de 85 alunos

regularmente matriculados, os quais recebiam em sua formação aulas que iam desde o Latim, idioma oficial da Igreja Católica, passando pelo Francês, Grego e também o ensino de Geografia, o que nos chama atenção, pois, desde 1832, a Geografia fazia parte do currículo apresentado pelo Ratio Studiorum, uma espécie de manual educativo adotado pelos jesuítas em todos os seus colégios, contendo um compêndio de textos que variavam destes as línguas, literatura, poesia, história, matemática, filosofia, ciências naturais e Geografia. No Ratio Studiorum, havia as orientações quanto a metodologias usadas nas aulas, as bonificações dadas aos melhores alunos, bem como, quais castigos seriam dados aos maus alunos. (SOUZA, 1981).

Quanto ao tipo de ensino de Geografia adotado inicialmente pelos membros da Companhia de Jesus, e que posteriormente foi adotado por outras ordens e educadores da Igreja Católica, nos revela Pessoa (2007, p.27):

“Os jesuítas, portanto, transferiram para o Brasil um sistema educacional moldado tipicamente nos padrões europeus, o papel destinado ao ensino de Geografia nesse período era o de apenas oferecer uma cultura geral aos alunos, ensinava-se através de um modelo de Geografia pautado na descrição e enumeração de fatos ou coisas alheias a realidade vivida no nosso território (...) durante os mais de duzentos anos de monopólio da educação jesuítica no Brasil a Geografia não teve vez e nem voz nas escolas enquanto disciplina escolar. O ensino dos conhecimentos geográficos era secundarizado no currículo subsistente, não existiam cursos de formação de professores(as) para atuar com o ensinamento destes saberes. Os conhecimentos geográficos, embora de grande interesse do Estado, eram até então pouco propagados nas salas de aulas.” (PESSOA, 2007, p. 27).

Desse modo compreendemos que mesmo havendo o ensino de Geografia no currículo adotado pelo Padre Rolim, certamente este era ministrado através dos moldes da educação clássica católica, que levou consigo por muito tempo o modelo de educação dos jesuítas para todo o território do Brasil.

Ainda percorrendo a história da primeira instituição de ensino do lugar, Souza (1981), relata que em 1877, devido à uma grande seca que assolou a região, as atividades educacionais desse estabelecimento de ensino foram momentaneamente encerradas, tendo sido retomadas após o fim desse difícil período de estiagem, em 1882. Nesse momento, o Padre Mestre já com sua idade bastante avançada, dado os seus 82 anos de idade, corajosamente tentou reabrir as portas do seu Colégio, porém, conseguindo apenas o número de 12 alunos, fato esse, que contribuiu para o fim do exercício do magistério daquele que fez de sua vida um duplo sacerdócio: evangelizar e educar.

O Padre Rolim concluiu a última etapa de sua caminhada terrena, sem ver a reabertura do seu Colégio, caminhando como um peregrino abandonado à providência divina, aos 99 anos de idade, em um misero quartinho da escola que ele fundou e tanto amou, permanecendo vivo na história do seu lugar e tendo, a partir dos relatos do povo, o perfil de ser, segundo a fé católica, um santo do seu tempo.

2.4 UM URBANO EMOLDURADO PELOS TEMPLOS DA FÉ E DA CIÊNCIA

Tendo Cajazeiras sido fundada sob a ótica da Igreja Católica, bem como, a partir da relação que historicamente existe entre a Igreja e a Educação no lugar, é evidente que muitas características físicas e arquitetônicas presentes em sua fundação a partir dos costumes e da arquitetura sacra herdada daqueles que viveram a cultura religiosa europeia e que tendo vindo catequizar e desbravar as terras coloniais, trouxeram em suas bagagens culturais os traços alheios que foram usados para alicerçar a urbanidade de outrora.

Desse modo, podemos entender que foram a Escolinha da Serraria, a casa de Vital Rolim, e a primitiva Capelinha de Mãe Aninha, as principais edificações na gênese de Cajazeiras, que com o tempo emolduraram as ruas e avenidas de hoje com Igrejas e Escolas que contam a história e embelezam o lugar.

Na então Cajazeiras oitocentista de acordo com pesquisas feitas por Abreu (2009), a economia que marcava o momento era girada em torno de produtos e serviços com potencial à frente de outros lugares até mais antigos que a terra do Padre Rolim. Depois do atrativo educacional, a criação de gado, o plantio do algodão e a parada de tropeiros que por aqui passavam rumo ao vale do Piancó, eram fatores de desenvolvimento econômico, o que contribuiu para o crescimento da população e das edificações. Ainda segundo Abreu (2009), nove anos antes do falecimento do seu fundador, Cajazeiras já tinha em suas ruas e futuras avenidas o quantitativo de cerca de 290 residências, localizadas principalmente naquilo que entendemos como centro atual da cidade, sobretudo nas proximidades da Capela de Mãe Aninha, hoje Praça Nossa Senhora de Fátima. É importante salientar, que o século XIX, foi responsável pela transformação do Sertão Paraibano, sendo marcado por atividades econômicas

que moldaram o espaço com o surgimento de vilarejos, distritos e cidades, entre elas o objeto de nosso estudo, Cajazeiras.

O início do século XX, foi igualmente importante para o crescimento da cidade de Cajazeiras, mesmo após o falecimento do seu maior visionário. Segundo Costa (1986), foi nesse momento que Cajazeiras pode ser vista à nível de Governo Federal como sendo um território de grande importância no interior nordestino, o que possibilitou o recebimento dos primeiros recursos federais à fim que houvesse a colocação dos fios e posterior instalação do telégrafo, grandioso marco rumo a modernização dos meios de comunicação da época.

Seguindo o ritmo do progresso, a cidade de Cajazeiras nunca ficou extática, manteve seu desenvolvimento contínuo nos seus diversos setores, seja no campo educacional, político, econômico, cultural e destacadamente no setor religioso, visto que com esse histórico, houve por parte da Igreja Católica, o desmembramento da jurisdição que administrava as atividades ligadas à Igreja da época, o que antes era organizado como uma única Diocese para o todo o território paraibano, foi criada a Diocese de Cajazeiras no dia 6 de fevereiro de 1914, por meio da Bula Papal do então Papa Pio X, "*Maius Catholicae Religionis Incrementum*", todavia, somente houve a instalação de fato da sede episcopal, aos 29 de junho do ano seguinte, 1915, com a Cerimônia de início de ministério do seu primeiro bispo, Dom Moisés Sizenando Coelho, sendo o mesmo por coincidência ou mesmo destino, sobrinho-neto do fundador da cidade, o já mencionado Padre Inácio de Souza Rolim.

Abreu (2009), vem chamar atenção que o ato de criação da Diocese de Cajazeiras em 1914, tornou-se a pedra fundamental para o desenvolvimento a passos largos da cidade, sobretudo a sua mancha urbana com as inúmeras construções que foram feitas a partir desse marco. Aqui gostaríamos de registrar como sendo de grande valor para a arquitetura urbana do lugar as construções das Paróquias, com destaque para a primeira Catedral da Diocese e Igreja Primaz da cidade, hoje Matriz de Nossa Senhora de Fátima, bem como à atual Catedral Diocesana de Nossa Senhora da Piedade com sua torre imponente que corta os céus cajazeirenses com seus 52 metros de altura, o majestoso Seminário Diocesano Nossa Senhora da Assunção, responsável pela formação dos futuros padres e os Colégios Nossa de Lourdes e Colégio Diocesano Padre Rolim, que abriga em suas dependências a atual Faculdade

Católica da Paraíba e tantas outras edificações que emolduram e favorecem o crescimento espacial da cidade.

A seguir algumas fotografias das principais edificações católicas em Cajazeiras:

Foto 2 – Catedral Primaz de Cajazeiras, hoje Paróquia N. Sr^a de Fátima.



Fonte: <https://www.google.com/www.ipatrimonio.org/cajazeiras-praca-e-igreja-matriz-de-nossa-senhora-de-fatima>. Acesso em 01/07/2024.

Foto 3 – Catedral Diocesana de Nossa Senhora da Piedade



Fonte: <https://cnbbne2.org.br/110-anos-da-diocese-de-cajazeiras-pb/>. Acesso em 01/07/2024.

Foto 4 – Seminário Diocesano Nossa Srª da Assunção



Fonte: Acervo do autor (2024).

Foto 5 – Colégio Diocesano Padre Rolim



Fonte: <https://diocesedecajazeiras.com.br/faculdade-catolica-da-paraiba/>. Acesso em 01/07/2024.

Foto 6 - Colégio Nossa Senhora de Lourdes



Fonte: <https://www.google.com/coisasdecajazeiras.com.br/a-revitalizacao-da-praca-ana-de-albuquerque/>. Acesso em 01/07/2024.

Entende-se como fator impulsionador para o desenvolvimento urbano, arquitetônico e imobiliário em Cajazeiras a instalação de uma diocese em sua sede municipal, dado os eventos sequentes a sua criação. Nos afirma Lira (2008, p. 47) que após a sua posse como primeiro bispo diocesano de Cajazeiras, ainda no ano de 1915, Dom Moisés Coelho:

“(...) impulsiona o trabalho e reabre o Colégio Diocesano, o colégio que fora fundado por Padre Rolim e que havia cerrado suas portas anos atrás, em razão de problemas econômicos, mas mais tarde no ano de 1917, visando aprimorar a instrução para moças, cria a Escola Normal, que, no ano de 1928, passou a ser dirigido pelas Irmãs Dorotéias com a denominação de Colégio Nossa Senhora de Lourdes” (LIRA, 2008).

O feito de Dom Moisés Coelho ao reabrir a escola do Padre Rolim, foi grandioso ao seu tempo, pois possibilitou a inserção dos cajazeirenses e de tantas outras pessoas das regiões adjacentes à educação, favorecendo o crescimento do lugar, sendo desse modo mais tarde, Cajazeiras, uma cidade que recebeu investimentos do governo federal e do setor privado. Entre alguns ganhos do desenvolvimento da cidade, podemos citar a instalação da primeira indústria da região, a qual tinha como finalidade a fabricação de sabão, ração para os rebanhos e beneficiamento do algodão colhido pelos lavradores, bem como, recordamos o destaque que a cidade ganhou com a imprensa local, tendo seu próprio jornal semanal e sua revista mensal. Outro feito foi a chegada da luz elétrica e o recebimento dos trilhos da viação cearense, todos esses ganhos foram herdados após o olhar visionário de quem um dia viu na educação a possibilidade do desenvolvimento regional (ABREU, 2009).

É evidente que a instalação da Diocese de Cajazeiras, foi de suma importância para expansão imobiliária e arquitetônica com a construção de residências e prédios comerciais, todos esses ligados ou a Igreja Católica ou aos mais afortunados do lugar, como os fazendeiros da cultura do algodão e os comerciantes que aqui prosperaram. É também verdade que a Igreja teve grande responsabilidade quanto ao desenvolvimento de todo o urbano, mesmo por vezes envolvida em contradições de suas práticas, haja vista que as atitudes cristãs de amor e caridade, foram por vezes maculadas pelas relações políticas e econômicas, com o seu controle de terras, recursos e mão de obra barata, fazendo com que os mais necessitados fossem deixados muitas vezes a margem desse crescimento.

Nesses moldes, com movimentos de pêndulos históricos hora contraditórios, hora importantes, Cajazeiras deu grandes passos na formação do seu espaço urbano amparado pela Igreja e pela educação, atraindo outros serviços que também foram valiosos para o crescimento e desenvolvimento da cidade. Haveremos de observar posteriormente que Cajazeiras teve em diferentes momentos de sua história a ajuda da educação como fator intrínseco ao seu desenvolvimento, sobretudo quando ocorre a chegada do ensino técnico e superior, tornando-a uma cidade reconhecida como sendo a terra do saber e principal cidade universitária do sertão paraibano.

Observamos nas fotografias abaixo como se configura a urbanidade do lugar atualmente nos arredores da primeira e da segunda catedral do lugar.

Foto 7: Centro de Cajazeiras com destaque para a Igreja Primaz da Cidade (2022).



Fonte: Acervo do Fotografo Marconi Cruz.

Foto 8: Centro de Cajazeiras com destaque para atual catedral da Cidade (2022).



Fonte: Acervo do Fotografo Marconi Cruz.

No caso de Cajazeiras, cidade que nasceu no beiral de uma escolinha e que cresceu a partir da cultura do algodão, do comércio e da religiosidade, a Igreja Católica permanece tendo o seu espaço econômico e territorial preservado, que é caracterizado pelos edifícios vistos nas ruas e avenidas do hoje, herdados do ontem. Mesmo com as transformações dos novos tempos, a instituição eclesiástica ocupada continuamente seus espaços com igrejas, praças, monumentos, deixando visível suas posses e o seu poder.



3. MÃOS QUE ABENÇOAM E EDUCAM

*“Muitos anos fiel à verdade,
No banquete de Deus, repartida:
Hoje, em volta do Pai, na unidade,
Anunciam a mensagem da vida”.*

*Hino da Padroeira
Por Pe Antônio Luiz do Nascimento.*

Cajazeiras por ser uma cidade que teve sua origem ligada as atividades religiosas e educacionais, tem em seus quadros e galerias da memória, alguns personagens principais que narram a sua história, sendo elas figuras que fizeram de seus apóstolos uma doação de vida ao seu duplo sacerdócio, ministerial e educacional.

O presente capítulo está organizado com uma seção secundária e seis seções terciárias, onde haveremos de fazer uma recordação da trajetória de alguns dos principais homens e mulheres, que exercendo suas vocações de catequizadores, abraçaram a educação como sendo a continuação de sua missão, pois, às mãos que eram estendidas para abençoar ou santificar, eram por vezes as mesmas responsáveis por corrigir, ensinar, educar, transmitindo o conhecimento científico para os seus pequenos discípulos.

3.1 PELA FORÇA DA FÉ: SACERDOTES, RELIGIOSAS E EDUCADORES

Se faz necessário e haveremos de recordar algumas personalidades que se configuraram com a história de Cajazeiras como sendo verdadeiros baluartes do desenvolvimento educacional do lugar. Elencaremos agora alguns dos principais sacerdotes que contribuíram efetivamente para a implantação das primeiras ofertas de ensino no campo educacional do município de Cajazeiras, bem como, de quais maneiras suas iniciativas foram fundamentais para o desenvolvimento do município. Depois, conheceremos os nomes e a dedicação de algumas das principais mulheres que se tornaram peças importantes para a narração da história da educação de

Cajazeiras, tendo elas todas algo em comum, os votos religiosos e o compromisso de ensinar. Para isso, tomaremos como linha do tempo, o período que corresponde desde a fundação da primitiva Escolinha da Serraria até a implantação do Ensino superior em Cajazeiras.

3.1.1 Padre Inácio de Souza Rolim: O Anchieta do Nordeste

Ligeiramente e corriqueiramente se fala no nome de um personagem que aos olhos de alguns é quase um ser imaginado, como se sua história fora retirada de algum conto que fala sobre piedade, religiosidade, políticas sociais, e, desse modo corremos o risco de esquecer que esse personagem de fato existiu e marcou profundamente as páginas da história de Cajazeiras.

O Cônego Francisco Lima, sacerdote paraibano, já nos albores do século XX dizia que Cajazeiras nasceu diferente de outros municípios, pois era ela filha ilustre de um educador. Cajazeiras não foi filha dos currais com a venda de gado. Cajazeiras não nasceu do garimpo, a partir do desejo pela riqueza. Cajazeiras não se originou das senzalas da escravidão. Cajazeiras não se fundamenta no egoísmo bandeirante. Mas, poeticamente, Cajazeiras é o prolongamento de uma casa do saber, de um colégio, o colégio do Padre Rolim.

Mas afinal, quem foi Inácio de Sousa Rolim?

Foto 9: Padre Inácio de Souza Rolim



Fonte: Acervo da Diocese de Cajazeiras.

Anteriormente conhecemos que o marco do nascimento do Padre Inácio de Souza Rolim, se deu na fazenda Cajazeiras em 22 de agosto de 1800, sendo o mesmo filho de Vital de Souza Rolim e Ana Francisca de Albuquerque, conhecida até os dias atuais por Mãe Aninha. Segundo Pires (1991), o Padre Rolim, antes de ingressar no Seminário de Olinda, estudou durante a sua adolescência nos municípios de Crato-CE e Sousa-PB, sendo ordenado sacerdote em 2 de outubro de 1825. No ano seguinte a sua ordenação sacerdotal recebeu a função de reitor do seminário de Olinda-PE, onde pode durante este período dividir-se entre as atribuições próprias de reitor e o

estudo de muitas línguas, as quais o Padre Heliodoro Pires, seu admirador e biógrafo assim coloca:

“É sabido com certeza que o Padre Rolim sabia dez línguas: latim, grego, sânscrito, hebraico, português, francês, italiano, espanhol, inglês e alemão. Seus artigos sobre história natural eram remetidos para Portugal e ali publicados nas revistas mais importantes” (PIRES, 1991).

Pires (1991) relata que tendo o mesmo recebido inúmeros convites para permanecer no exercício de sua função, o mesmo decide retornar para Cajazeiras em 1829, para viver junto dos seus pais e ajudando a sua mãe nas obras de construção da primeira capela de Nossa Senhora da Piedade, devoção herdada de mãe Aninha que se tornou patrona da cidade e Diocese de Cajazeiras, bem como, executando o seu desejo de construir uma pequena escola para instruir as crianças e adolescentes da região, quanto ao contexto histórico de sua instituição, já abordarmos anteriormente.

Foi a partir de sua missão educacional que aconteceu o impulsionador desenvolvimento de Cajazeiras. Assim diz o Padre Heliodoro Pires, (1991): “Atraída pelos doutos ensinamentos do Padre Rolim, afluiu para ali, em poucos anos, uma população considerável que formou essa cidade única na Paraíba, cujas bases se formaram em estabelecimento de instrução primária e secundária”. Seu Colégio deu brilho e prestígio a essas terras áridas, mesmo havendo os sofrimentos e castigos advindos da geografia do lugar.

Diz o Padre Heliodoro Pires (1991):

“(…) de uma modéstia invejável e grande sobriedade em todos os seus hábitos, jovial e sincero, do uma pureza angelical, amando mais aos outros do que a si, foi o Padre Rolim um misto de piedade, doçura e bondade infinita e alma sempre voltada para o bem, para o mais sublime dos sacrifícios, o sacrifício dos seus interesses a bem da comunidade geral. Cajazeiras era uma fazenda, ele a transformou em um centro de civilização, proporcionando-lhe ao mesmo tempo as indispensáveis condições da existência; tinha os braços e o coração sempre abertos às agruras de todas as misérias humanas; era uma vida toda modelada nas belezas morais do Evangelho e na doutrina do Divino Mestre” (PIRES, 1916).

Entre as ciências, o Padre Rolim fez da História Natural a sua área de especial dedicação e predileção, cujos conteúdos ministrava com a sua visão de um sábio e

desvendador daquilo que ela tem de impenetrável. O Padre Rolim foi um respeitador e admirador da ciência, pela qual haveria muito de crescer como um dos grandes, se a sua vocação não o tivesse levado de volta ao sertão e o não fizesse abandonar os grandes centros, onde certamente encontraria um campo farto de fontes para satisfazer o seu desejo pelo o saber e o fazer saber. Visto a sua predileção pela instrução, diz ainda Pires (1991): “Onde quer que estivesse, fundava uma escola, sempre a investigar os meios de melhorar a instrução e mais proveitosamente difundila, como se nisso visse a pedra de toque”.

Sua missão chegou ao fim às 8 horas da noite do dia de sábado 16 de setembro de 1899, em um quarto, que lhe servia de aposento, no prédio do Colégio que fundara, onde viveu os últimos tempos de sua preciosa existência, entregue às práticas da caridade cristã e a uma quase abstinência de alimentação. Foi assistido pelo padre Joaquim Cirilo de Sá, que naquela época regia a paróquia de Cajazeiras. Foi sepultado na segunda-feira, 18 do mencionado mês, cerca de 11 horas do dia, ao lado esquerdo do altar-mor da Catedral, (atual Matriz de Nossa Senhora de Fátima), templo por ele construído no início de sua imaculada vida de sacerdote exemplaríssimo e abnegado. (PIRES, 1991).

Diz Pires (1991): “Na ocasião das solenidades do funeral, era compacta a multidão que se acotovelava no recinto da igreja Matriz, que se tornou tempos depois Catedral, no afã de se aproximar do ataúde do venerando extinto”.

Padre Rolim permanece vivo na vida do povo que ainda hoje utiliza dos feitos começados por ele outrora, mesmo que seja pouca a atenção dispensada para a história dele por parte daqueles que deveriam melhor guardar, honrar e venerar a sua memória. Desse modo podemos nos perguntar: Como a Igreja Católica, instituição à qual o Padre Rolim pertenceu e doou a sua vida mantém a sua história? Como o poder público tem garantido que seja perpetuado o legado do mesmo? Afinal, onde está sepultado o Padre Rolim? São perguntas dessa natureza que se anseia um dia por respostas.

3.1.2 Dom Moisés Sizenando Coelho: Primeiro Bispo de Cajazeiras

Outro personagem que marca a história do desenvolvimento de Cajazeiras a partir do ensino e da Igreja é o nome e os feitos do ilustre filho dessa terra, Moisés Sizenando Coelho, religiosamente chamado por Dom Moisés Coelho, dado a nobre função que exerceu na Igreja como epíscopo.

Foto 10: Dom Moisés Sizenando Coelho



Fonte: Acervo da Arquidiocese da Paraíba

Dom Moisés Sizenando Coelho nasceu em Cajazeiras em 08 de abril de 1877, tendo como seus pais o capitão Raimundo Coelho e a Sra. Maria Lourenço da Circunscrição Pereira. Segundo Oliveira (1996), Dom Moisés deixou Cajazeiras em 1891, com 14 anos para estudar latim com o seu irmão, Padre Sabino Coelho, que naquele momento já exercia seu ministério como vigário de São Lourenço da Mata-PE. Logo em seguida foi admitido aos estudos eclesiásticos no Seminário de Olinda e anos depois, transferido para o Seminário da Paraíba. Após a conclusão das diversas etapas de preparação, foi ordenado Padre em 1 de novembro de 1901 na Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves, à época sede da Igreja particular da Paraíba.

Oliveira (1996), ainda relata que após ordenado, Dom Moisés prestou serviços religiosos em Natal- RN como Capelão das Irmãs Dorotéias e vice-diretor do Colégio Santo Antonio, bem como Vigário da Matriz de Nossa Senhora da Apresentação e Vigário da Paróquia de Ceará Mirim. Depois, foi chamado para atuar na capital da Paraíba, como diretor episcopal do Seminário Diocesano. Em 1906, foi nomeado diretor do Colégio Diocesano Pio X e em 1909 assumiu a Paróquia de Cajazeiras, onde ficou, apenas quatro meses, retornando à capital para o Seminário Diocesano. Em maio de 1912, Moisés Coelho foi elevado ao posto de Presbítero do Cabido da Diocese da Paraíba.

Dado aos relevantes trabalhos realizados por Dom Moisés em seus poucos anos de sacerdócio, não demorou para que seu nome fosse consagrado como referência na Igreja da Paraíba e como forte candidato a elevação ao terceiro grau da ordem, o episcopado. Tal feito tornou-se realidade quando em 16 de novembro de 1914, o Papa Bento XV assinou o decreto que elegeu o cônego Moisés Sizenando Coelho o primeiro bispo diocesano de Cajazeiras. Oliveira (1996), descreve o anúncio da nomeação de Dom Moisés para ser o primeiro bispo de Cajazeiras como sendo de grande aceitação popular e eclesiástica, mobilizando autoridades civis e religiosas para prestigiar a sua sagração e posse. A exemplo do cardeal Joaquim Arcoverde Cavalcante de Albuquerque, o primeiro cardeal das américas e ex-aluno do Colégio Padre Rolim, que o presenteou com uma bela e rica cruz peitoral, feita de ouro e ornada de pedras preciosas.

Oliveira (1996), assim descreve a sua sagração episcopal:

“No cenário de uma catedral em seus grandes dias, repleta de fieis, presente o Cabido, o Clero e altas autoridades, o arcebispo Dom Aduato oficiou o solene pontifical em que elevou a plenitude do sacerdócio o seu dileto filho espiritual e dedicado cooperador, que, então, contava com 13 anos e seis meses de padre e 38 de idade. Foram consagrantes: D. Santino Coutinho, arcebispo do Pará, e D. José Tomaz Gomes da Silva, bispo diocesano de Aracaju, sendo paraninfos os monsenhores Manoel Antônio de Paiva e João Irineu Jofylli – bispos eleitos de Ilhéus, na Bahia, e bispo auxiliar do arcebispado de Olinda, respectivamente” (OLIVEIRA 1996).

Para enfim tomar posse como primeiro Bispo Diocesano da recém criada Diocese de Cajazeiras, conta-nos a história que o mesmo teve que enfrentar uma jornada de dez dias utilizando de diversos meios de transporte para chegar em sua sede episcopal. Viajou de navio de Cabedelo à Fortaleza, de trem até Iguatu e por fim montado no lombo de um cavalo até Cajazeiras. Sua chegada era esperada com entusiasmo por seus conterrâneos e “ovelhas”, afinal era grande a festa para acolher o feito de ter um filho da terra exercendo tão alta missão na Igreja Católica.

Dom Moisés não foi um bispo alheio à história e a vida de Cajazeiras. Rolim (2016), relata que, Dom Moisés se achegou com maestria ao convívio dos cajazeirenses, pois foram nas mesmas terras entregues para o seu pastoreio como bispo que estava fincada a ancestralidade de sua família. Era neto do famoso tenente Sabino de Souza Coelho, personagem que teve importante atuação na política e economia de Cajazeiras. O tenente Sabino foi casado com Maria Florência das Virgens, irmã do Padre Rolim.

Rolim (2016, p.144), nos diz:

“O que se deseja ressaltar é que dom Moisés Coelho integra uma das vertentes familiares mais sólidas, plantadas na terra da qual foi ele o primeiro bispo. Aos Rolim e aos Coelhos dos primeiros tempos de Cajazeiras, juntaram-se pouco mais tarde os Cartaxo, formando o tripé entrelaçado a outras famílias: Bezerra, Sobreira, Cunha, Guimarães, além, é claro, Albuquerque, descendentes do desbravador Luiz Gomes de Albuquerque” (ROLIM, 2016, p.144).

Dom Moisés Coelho exerceu a função de bispo de Cajazeiras de 1915 à 1932 e foi durante seus dezessete anos de episcopado que o mesmo se consolidou como sendo um dos maiores benfeitores desse município. Entre as inúmeras construções

estruturantes para a mais nova diocese do Brasil, gostaríamos de mencionar o seu olhar amistoso para com a educação, característica talvez herdada do seu tio-avô, Padre Inácio de Sousa Rolim.

Rolim (2016), descreve o trabalho de Dom Moisés Coelho audacioso e fundamental para a estruturação da cidade educacional de hoje. Foi Dom Moisés Coelho o responsável pela restauração do Colégio Padre Rolim, que tinha na sua origem a missão de oferecer ensino aos rapazes. Bem como, o mesmo fundou a então Escola Normal, hoje Colégio Nossa Senhora de Lourdes, responsável por oferecer ensino normalista, fazendo com que a cidade se tornasse pioneira ao diplomar seus primeiros professores em 19 de março de 1922, fato de mais alta relevância na História da Educação Brasileira. Em abril de 1932 foi transferido para a capital do Estado, tomando posse como Arcebispo Titular de Barea e Coadjutor da Arquidiocese da Paraíba. Tomou posse como Arcebispo da Arquidiocese da Paraíba em 1935, permanecendo na função até sua morte.

3.1.3 Monsenhor Gualberto: Missionário da Educação

Ao recordar as principais figuras que marcaram a vida da sociedade cajazeirense, sobretudo aqueles que foram destaques nas últimas décadas no âmbito da educação, o nome do Monsenhor Luiz Gualberto é sempre elencado, haja visto a sua importante contribuição para o desenvolvimento daquilo que é hoje um “seleiro educacional”

Foto 11: Monsenhor Luiz Gualberto de Andrade



Fonte: Acervo da Paróquia Nossa Senhora da Piedade.

Luiz Gualberto de Andrade, é natural de Uiraúna-PB, tendo nascido no dia 14 de outubro de 1921 no Distrito de Santarém, hoje, sede da cidade de Joca Claudino. Sendo filho de José Gualberto de Andrade e Francisca Romana de Andrade, demonstrou desde muito cedo os sinais que levaram a concretizar a sua dupla vocação: evangelizar e ensinar. Foi o seu pai, o responsável por ser o seu primeiro

professor, ensinando as primeiras letras e sendo guia na aprendizagem dos primeiros saberes.

Albuquerque (2021), relata que em meados de 1937, decidido em entregar-se totalmente ao sacerdócio o jovem entrou para o Seminário Arquidiocesano de João Pessoa-PB, onde cursou o antigo ginásial e colegial, bem como, os cursos de Filosofia e Teologia. Foi ordenado sacerdote em 04 de dezembro de 1949, na Paróquia Nossa Senhora da Guia na cidade de Patos-PB, por imposição das mãos do então bispo diocesano de Cajazeiras Dom Luiz do Amaral Mousinho.

A obediência e a humildade, associada à competência de Padre Gualberto para com a Igreja, rendeu frutos salutares para o desenvolvimento da educação nos seus diversos níveis. Entre os muitos cargos e atribuições recebidas ao longo dos seus anos de sacerdócio e exercício do magistério, podemos destacar aqueles que foram marco principal na sua trajetória: A reitoria do Seminário Nossa Senhora de Assunção; A Direção do Colégio Nossa Senhora de Lourdes; A Direção do Colégio Diocesano Padre Rolim; A Direção da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras – FAFIC e primeiro Diretor do campus V, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

Sendo o Padre Luiz Gualberto de Andrade foi o primeiro reitor do Seminário Nossa Senhora da Assunção, no período de 1955 a 1959, atendendo a nomeação do bispo diocesano Dom Zacarias Rolim de Moura, Albuquerque (2021), destaca que o mesmo conseguiu registrar a sua marca de educador nato, conseguindo um número de alunos acima da média de outras dioceses no mesmo período. No primeiro ano, o número de vocacionados matriculados chegou a 145, os quais se distribuíram em três classes: 4º ano primário, exame de admissão e 1º ano ginásial. Por mais que nem todos tenham concluído seus estudos vocacionais, chegando a serem sagrados sacerdotes, o resultado final do trabalho exercido pelo Monsenhor Gualberto no Seminário Nossa Senhora da Assunção foi extremamente importante na formação dos jovens tanto para a vida acadêmica bem como para os muitos serviços na sociedade. Inúmeros são os homens, pais de família, servidores públicos, empresários e professores, que receberam no seminário uma formação que perpassa a questão clerical, somando uma bagagem formativa que se pôde levar para toda a vida.

Outro lado importante na atuação do Padre Luiz Gualberto se dá a partir da sua generosidade para com aqueles que procuravam a ele em busca de conseguir bolsas

de estudo e com isso conquistar seu diploma. Muitos são os relatos daqueles que sendo filhos de famílias pobres, viram na autoridade do Padre Gualberto, um raio de esperança na busca pela oportunidade do estudo. Vale lembrar que se tratava de instituições privadas, que dependiam das mensalidades pagas pelos pais dos alunos mais abastados, para a manutenção do quadro de colaboradores e das estruturas físicas do mesmo. Assim o Monsenhor Luiz Gualberto cumpria para além do mandamento da cristandade: pão a quem tem fome, livros a quem tem sede, sede de conhecimento.

Mesmo exercendo uma função de chefia e autoridade, muitas podem testemunhar, que um dos aspectos inerentes a figura do Padre Gualberto foi a sua humildade e simplicidade, que embora estivesse em bons cargos ao seu tempo, manteve seus pés ao chão, trilhando o mesmo caminho de sempre.

Assim Albuquerque (2021) nos relata:

“(...) destacamos a sua mística de pobreza e simplicidade, que embora exercendo cargos relevantes como diretor destas instituições, nunca aceitou receber mais de 01 (um) salário mínimo, pelos seus serviços prestados como diretor destas instituições. Destacamos ainda, seus aspectos humanitários em ter abraçado a luta para a instalação da Universidade Federal da Paraíba, campus Cajazeiras, incorporando em seus quadros efetivos todos os servidores da FAFIC, sem que esses tivessem que se submeter a realização de concurso público, possibilitado pelo processo de federalização, evitando o desemprego dos que labutavam nesta hercúlea caminhada na consolidação de todas as modalidades e níveis de educação na terra do Padre Rolim e na Paraíba” (ALBUQUERQUE, 2021).

O sonho do ensino superior público sempre foi um marco da sua atuação e para que houvesse de fato a concretização do mesmo, o Monsenhor Gualberto juntamente com o bispo diocesano à época, Dom Zacarias Rolim de Moura doaram à Universidade Federal da Paraíba todo acervo mobiliário, bibliotecário e quadro de servidores qualificados da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras – FAFIC, um ato gigante e extremamente necessário para que houvesse a efetivação da instalação do campus V em Cajazeiras, atualmente pertencente à Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, referência nas áreas de educação e saúde.

Sabemos que o êxito desta missão educadora, muito se deve à influência de Padre Gualberto com os seus superiores, a quem sempre teve carta branca na condução destas tarefas e missão de vida sacerdotal.

3.1.4 Irmã Nirvanda: Uma Doroteia Filha de Cajazeiras

Com a fundação do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Dom Moisés Coelho dava continuidade aos projetos educacionais do Padre Rolim, este ato impulsionava em Cajazeiras a oferta de educação para moças e isso exigia da recém criada diocese a busca por melhorias na questão estrutural, pedagógica e administrativa de sua mais importante instituição de ensino. Afinal, o Colégio hora criado como Colégio Normal Padre Rolim, seria utilizado para angariar recursos junto das famílias mais afortunadas para a continuação das obras fundantes da diocese.

Desse modo, Dom Moisés articula em 1924 a vinda da Congregação das Irmãs de Santa Doroteia, uma importante ordem religiosa, que se destacava por seus trabalhos junto a colégios católicos, e aqui, poderiam exercer suas atividades junto a administração do colégio.

Sousa (2018) relata que a Congregação das Irmãs de Santa Doroteia exerceu a administração do Colégio por mais de 50 anos, entre os anos de 1928 a 1983, transmitindo uma educação confessional católica, moldada pelos ideais herdados de Santa Paula Franssinetti, freira italiana, fundadora da ordem em questão. Durante todos esses anos de gestão, algumas religiosas exerceram suas atividades junto ao colégio, entre as quais podemos citar os nomes de Madre Andrade, Madre Juditi Coelho Fernandes, Irmã Rosalia Simoni, Irmã Maria do Carmo Barros, Irmã Maria da Glória Pinto Dourado, Irmã Emília Bezerra de Lima, toda via, dedicaremos maior atenção ao nome da cajazeirense, Irmã Nirvanda Leite Rolim, que foi aluna das Doroteias e posteriormente tornou-se uma.

Foto 12: Irmã Nirvanda Leite Rolim



Fonte: Acervo da EMEIEF Irmã Nirvanda Leite Rolim.

Nirvanda Leite Rolim nasceu em 16 de dezembro de 1939, no Sítio Boa Fé, hoje território rural de Cachoeira dos Índios-PB. Era a mais nova entre os nove filhos do casal José Leite Rolim e Tertulina Bandeira Leite. Cartaxo (2022), conta que o berço da Irmã Nirvanda era bem provido, visto que seu pai lidava diretamente com o comércio do ouro branco da época, o algodão. Desse modo, com condições suficientes de ofertar educação para os filhos, seu pai contrata um mestre escola, com

a finalidade de que o processo de aprendizagem acontecesse na comodidade do ambiente doméstico. Assim, Irmã Nirvanda recebe ainda em casa os primeiros ensinamentos tanto religiosos, haja vista a tradição católica herdada de toda a sua ancestralidade, bem como os ensinamentos das letras, pois as boas condições da sua família favoreceram as oportunidades de ter inicialmente um professor particular e posteriormente ingressar em escolas que de algum modo eram destinadas aos filhos de famílias de classe média de sua época.

Em 1953, Irmã Nirvanda ingressou no internato do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, fato esse que possibilitou a convivência direta com as Irmãs Doroteias e assim, já bebendo dessa fonte, engrandeceu o desejo que sempre teve de seguir a vida religiosa, fazendo opção pelas atividades ligadas à educação de crianças e jovens e a assistência social aos mais necessitados. A exemplo de Santa Paula Fransinetti, da qual possuía grande admiração pela vida e testemunho, Irmã Nirvanda soube fazer de sua vida uma oração com ação, onde o amor, a caridade, e a entrega as causas necessárias não ficava apenas no moralismo e nas recitações piedosas, mas nas atividades que sempre desenvolveu, dando ao pobre, as crianças, aos jovens o acolhimento necessário.

Culminou sua entrega a vida religiosa em 12 de outubro de 1983 no convento da Conceição em Olinda-PE, quando solenemente professou os votos perpétuos na Congregação das Irmãs de Santa Doroteia, onde comprometeu-se por toda vida a dedicar-se ao ensino, como professora que sempre foi, bem como, exercer a sua cristandade da forma mais humana possível, sendo luz e guia para muitas famílias carentes da época. Vale ressaltar que entre as muitas atividades realizadas para além dos muros do colégio, o auxílio com alimentos e medicações destinados aos órfãos, viúvas, pais de família desempregados, bem como, o resgate de muitas crianças submetidas ao trabalho análogo a escravidão e o cuidado com as mulheres trabalhadoras dos prostíbulo, foram marcas genuínas a sua essência de religiosa, educadora e mulher.

3.1.5 Irmã Maria Fernanda Marabello: Apostola dos Pobres

Entre as muitas mulheres que dedicaram seus serviços as obras evangelizadoras e sociais na cidade de Cajazeiras, a figura da Irmã Fernanda é sempre destaque no memorial saudoso que há no coração daqueles que com ela conviveram ou que foram tocados de algum modo por seu fazer pedagógico.

Foto 13: Irmã Maria Fernanda Marabello



Fonte: Acervo da Congregação das Religiosas da Sagrada Face

Maria Fernanda Marabello, a Irmã Fernanda, foi uma freira Italiana que nasceu em Casalserugo (Pádua) no dia 04 de abril de 1924, sendo a segunda filha do casal Giuseppe Marabello e Giuseppina Dante. Sua vida educacional foi formada na Scuole Elementari Del Comuni de Casalserugo em Padova – Itália, onde motivada por seus pais, pôde concluir sua formação primária e secundária.

Tendo percebido desde sua infância a aptidão pelas questões da religião, entrou para Congregação das Religiosas da Sagrada Face, onde continuou recebendo uma intensa formação religiosa e científica. Em 1946, concluiu o curso de Magistério no Instituto Magistrale Governativo “Alfredo Oriani” na cidade de Roma. Já entre os anos de 1947 à 1949, concluiu os cursos de especialização em Pedagogia, Didática e Psicologia, dessa vez na cidade de Veneza, Itália.

Após a Congregação das Religiosas da Sagrada Face receberem um convite para fundarem uma casa religiosa em Cajazeiras, em 1976, a Irmã Fernanda juntamente com outras religiosas italianas, vinheram para o Brasil no intuito de começar a sua obra missionária, mesmo que as condições matérias fossem ruins, poderiam a partir desse ato, dedicarem suas vidas ao serviço tanto evangélico, quanto educacional entre os pobres de Cajazeiras, sobretudo os que residiam nos Bairros São José e Casas Populares.

Segundo Santos (2020, p.55), a mais importante ação ligada a educação feita pela Irmã Fernanda foi a abertura de uma Escola Pública gratuita, que oferecia ensino básico às crianças pobres da Zona Norte de Cajazeiras, que foi denominada de Escola São José. Essa escola funcionou no seu início como anexo de outra já existente, por nome Escola Sinhazinha Ramalho, que oferecia também o ensino fundamental aos seus matriculados. Santos (2020. P.55), ainda relata que foi a partir da portaria de nomeação de nº 29/84 do Prefeito Constitucional à época, o Sr. Epitácio Leite Rolim, que nomeou a Irmã Maria Fernanda Marabello com Diretora da nova escola, dando a mesma, autonomia e melhores condições para atuação nos processos educacionais.

A Escola São José, tendo à frente a direção da Irmã Fernanda, tornou-se uma importante ação da nova congregação nas terras paraibanas, pois, apesar das limitações da época, a escola podia acolher um grupo significativo de alunos das classes mais pobres dos seus arredores, ofertando ensino básico, aprendizagem, cursos de pintura, dadilogravura, corte e costura e outros serviços sociais.

Santos (2020, p.68), relata:

“No interior das práticas pedagógicas efetivadas pela educadora Maria Fernanda Marabello, a educação era vista quase sempre como um meio para alcançar algo que não propriamente o simples conhecimento em si ou por si mesmo. As práticas pedagógicas ou o seu fazer educacional estavam empregados em vista de algo maior, o que na concepção dela, era o homem e a mulher feitos, prontos e preparados para ‘vencer na vida’ enquanto sujeitos autônomos economicamente que pudessem, dessa maneira, romper com um ciclo de dependência” (SANTOS, 2020 p.68).

Compreendemos a partir desse relato, que as práticas educacionais da Irmã Fernanda tinham como finalidade o desenvolvimento das potencialidades do sujeito, captando as suas aptidões e colocando os mesmos como seres protagonistas das ações, exercendo já em seu tempo, aquilo que na atualidade é discutido como importante ação pedagógica, a inclusão, a promoção do outro, tendo a escola como uma espécie de laboratório que prepara o sujeito para o mundo.

Santos (2020, p.70), recorda que as práticas educacionais da Irmã Fernanda Marabello elas iam para além dos limites geográficos da Escola, e que nem sempre as suas atividades pedagógicas eram feitas de forma tradicional, como estamos habituados a compreender que tais relações só se estabelecem na tríade: professor – aluno – sala de aula. As suas práticas eram para além muro, sendo vista como uma verdadeira promotora social, cultural e humana. A porta voz do povo da Zona Norte na luta pelo acesso à educação, saúde, moradia, trabalho e renda.

3.1.6 Carmelita Gonçalves: Fez da Educação o seu Carmelo

Ainda ecoa entre as gerações recentes de Cajazeiras o nome de uma mulher que teve sua história de vida configurada a história da cidade que é tida como terra do saber. Carmelita Gonçalves da Silva, ou apenas Tia Carmelita como chamam os muitos homens e mulheres que por ela foram encaminhados nas veredas do ensino, é mais uma daquelas pessoas que entraram para a memória educacional de Cajazeiras como sendo uma grande baluarte da fé e da cultura educacional cajazeirense.

Foto 14: Carmelita Gonçalves da Silva



Fonte: Acervo do Colégio Nossa Senhora do Carmo.

Carmelita Gonçalves nasceu em 22 de julho de 1924, no Sítio Barra do Catolé, município de Cajazeiras, sendo filha de Manoel Gonçalves Dias e Hortência Gonçalves da Silva, recebeu desde os primeiros anos a formação para a vida de fé, sendo introduzida ao conhecimento dos dogmas nas catequeses domiciliares o que possibilitou um crescimento interior de piedade e devoção. Sentiu-se inquieta ao descobrir sua vocação para vida religiosa junto a Ordem das Carmelitas Descalças, o que não pode se concretizar, pois a fatalidade da vida a obrigou ajudar na criação dos

seus irmãos, dado a morte precoce de seu pai. Mesmo não entrando para o mosteiro, Carmelita fez particularmente os votos religiosos de pobreza, castidade e obediência, sendo eles visíveis no modo que sempre viveu e se relacionou com o mundo. (SOUSA,2010).

Sendo professora normalista pelo Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Carmelita inicia seus trabalhos pedagógicos fazendo de sua residência a sua primeira sala de aula. Fundou em 1943 a Escola Nossa Senhora do Carmo, que mais tarde tornou-se colégio de instrução primária e secundária. Entre as muitas atribuições como fundadora da instituição, o ser professora e diretora foram as principais que fizeram dela notável entre os demais. Para seu tempo, o seu protagonismo feminino na educação é entendido como vitorioso, pois, a mulher educadora até podia exercer a função de professora, mas nem sempre a de gestora, pois tal cargo era naturalmente exercido por cabeças masculinas, embora tal realidade venha sendo modificada nos dias atuais.

É verdade que o fato da Professora Carmelita pertencer a uma família com boas condições à época, favoreceu a abertura de sua própria escola particular, todavia o fato da mesma instituição crescer e se consolidar como sendo respeitada entre as muitas, com o histórico de ofertar ensino de qualidade para crianças e jovens advindos de cidades do sertão paraibano, cearense e riograndense, mostra-nos que o ser boa gestora e empreendedora da mesma, foram degraus assertivos nesse processo de consolidação. O CNSC, ao longo dos seus mais de 70 anos na educação cajazeirense, continua sendo referência no que diz respeito ao seu ensino tradicional, moral, ético, com base no estilo confessional herdado de escolas católicas.

Em meio as muitas atividades características da Professora Carmelita Gonçalves, a valorização das vocações sacerdotais sempre teve dela grande atenção, sendo uma distinta colaboradora por toda a vida do Seminário Nossa Senhora da Assunção, por acreditar que era daquele educandário que sairia o futuro da igreja em Cajazeiras. Enxergava em cada seminarista, os sacerdotes do amanhã, capazes de serem continuadores dessa relação solidificada na história de sua cidade, educação e religião, um elo forte e necessário para o desenvolvimento do lugar.

Colhe-se hoje em Cajazeiras incontáveis depoimentos acerca da Professora Carmelita Gonçalves e como sua dedicação à educação sertaneja foram cruciais para

que muitos dos seus alunos pudessem hoje se destacar em cenários de progresso local e para além dos limites geográficos do lugar.

Poderíamos elencar tantos outros homens e mulheres, de ontem e de hoje, que contribuíram efetivamente para que houvesse a consolidação de todo o sistema educacional implantado hoje em Cajazeiras, tornando-a polo de ensino e referência em todo o interior do nordeste brasileiro, toda via não objetivamos assim fazer, pois não conseguiríamos nomeá-los individualmente, bem como, todos já são de algum modo representados pelas instituições que fizeram parte e dedicaram suas vidas.



4. IGREJA CATÓLICA: FUNDAMENTO DA EDUCAÇÃO CAJAZEIRENSE

*“Sentinelas são postas diante
de suas portas: a Igreja é firmada...
Os Pastores à frente, eia, avante!
Nova história está sendo contada”.*

*Hino do Centenário da Diocese
Por Pe Antônio Luiz do Nascimento*

Em toda a história da Igreja ela sempre se mostrou próxima para com as atividades ligadas a educação, como que esse fosse um dos pontos essenciais na sua missão no mundo, talvez estrategicamente. A educação sempre andou junto com a catequização de todos os povos, em todos os continentes, mesmo com as lacunas existentes, trabalhar com a educação foi o modo que essa instituição encontrou de atrair pessoas. E isso vemos desde a gênese da palavra *educatio-onis*, que tem sua origem na língua oficial da igreja, o latim, cujo significado é trazer para fora, levantar, produzir conhecimento.

Este capítulo, dividido em três seções, objetiva analisar o processo de fundação dessa instituição na cidade de Cajazeiras e como ela se oportunizou da educação para alçar voos mais altos, se destacando como celeiro educacional em todo o nordeste brasileiro. Também haveremos de percorrer os caminhos fundacionais das primeiras instituições de ensino primário e secundário, chegando ao divisor de águas de seu crescimento, a fundação do seu primeiro centro universitário.

4.1 FUNDAÇÃO DE UMA DIOCESE EDUCADORA

É sabido que a cidade de Cajazeiras é genuinamente destaque no cenário da geografia da Paraíba pelo seu desabrochar como povoação e futura sede de município, tendo os seus passos de desenvolvimento ligados ao ensino primário começado por seu fundador, o Padre Rolim. Todavia, a instalação da segunda Diocese no território da Paraíba em 1915, tendo Cajazeiras como sede episcopal, foi de grande importância para a continuação do seu progresso. Essa conquista certamente foi de um valor incalculável para Cajazeiras, pois, outros municípios

paraibanos, poderiam ter sido contemplados com esse feito, dado a importância de suas histórias, economia e sobretudo a geografia em que estavam inseridos, tais como: Campina Grande, Guarabira, Patos, Pombal e Sousa.

Tal conquista nos inquieta a entender quais foram os motivos que levaram a Cajazeiras a receber esse triunfo. A quem acredite que isso se deu como estratégia da própria igreja de tirar o foco do momento das cidades de Crato e Juazeiro do Norte no vizinho estado do Ceará, pois à época se crescia aceleradamente o devocionismo para com a pessoa do Padre Cicero Romão Batista, figura emblemática da devoção popular e que esteve envolvido em muitas polêmicas que não agradara a cúpula da igreja do Brasil. É custoso acreditar somente nessa hipótese, pois havia inúmeros outros motivos para que a divisão do território da Igreja Católica na Paraíba acontecesse.

Administrar uma instituição como a Igreja Católica espalhada por todo o estado, sendo a mesma mantenedora de templos, escolas, hospitais, abrigos e outros mais, em um momento que não havia condições adequadas para o transporte e comunicação do bispado, associada ao crescimento de cidades e vilas, obrigou a divisão das sedes, sendo Cajazeiras escolhida como titular dado o seu crescimento econômico e a influência do poder político da época, que tiveram papel principal para que houvesse a consolidação desse projeto. É também verdade, que a criação da segunda diocese paraibana foi consequência do momento que a igreja do Brasil estava vivendo, pois a separação da igreja e estado ocorrido em 1890, impulsionou a necessidade de haver uma reorganização de suas extensões, levando a mesma a intensificar a ocupação dos seus territórios de domínio, para que não houvesse prejuízos no que diz respeito a perda de seus patrimônios.

Rolim (2016), vem afirmar que o surgimento das novas dioceses, foram resultados de uma política de estadualização organizacional da Igreja no Brasil, que veio a dar certo, pois, o que no final do período imperial só havia 12 dioceses no Brasil, após a separação com o estado de 1890 à 1930, foram criadas e instaladas outras 56, sendo 13 delas no Nordeste do país, região de intenso trabalho missionário da Igreja e de fortes tradições religiosas.

Foto 15: Antiga praça da Sé e primeira catedral de Cajazeiras, década de 1940.



Fonte: <https://coisasdecajazeiras.com.br/almanaque/a-praca-da-se-e-a-catedral-de-cajazeiras/>. Acesso em 01/07/2024.

Em sua formação inicial a Diocese de Cajazeiras foi organizada de uma maneira que o seu território se estendia por quase metade de todo o território do estado da Paraíba, com foco principal em todo o sertão. Segundo Rolim (2016), os limites territoriais da recém criada diocese, compreendiam as seguintes definições: ao Norte, a diocese de Natal, em todo o estado do Rio Grande do Norte; ao Sul, a diocese de Pesqueira no Pernambuco; à Leste, a arquidiocese da Paraíba; e a Oeste, a nascente diocese do Crato. A superfície da diocese de Cajazeiras chegava a 22.602 quilômetros quadrados, estimando-se em 700.000 a população, distribuída por 13 municípios que abrigavam 14 paróquias.

Transcorridos 110 anos desde a sua fundação, tendo passado por ela 8 bispos, centenas de padres, freiras, leigos e leigas, a Diocese de Cajazeiras permanece sendo “penhor da atuante presença da Igreja”, hoje espalhada em 54 municípios do alto sertão paraibano, tendo 60 paróquias, com trabalhos ativos em faculdades, escolas, hospitais, abrigos, casas de recuperação e outras atividades, frutos das sementes plantadas na terra arada por Mãe Aninha, Pe Rolim, Dom Moisés e outros ilustres cajazeirenses.

4.2 NA TERRA DO PE ROLIM SURGE AS PRIMEIRAS ESCOLAS

A primitiva Escolinha da Serraria, originada pelo próprio Padre Rolim no início de seu ministério sacerdotal e missão educativa, se configura como sendo o berço de toda educação cajazeirense, isso já vimos anteriormente. Todavia ela torna-se o embrião de outros núcleos educacionais que com o transcorrer do tempo se configurariam como pilares principais da oferta de ensino primário, secundário, técnico e superior de Cajazeiras. O Padre Rolim talvez não imaginara que após a sua morte, tendo deixado sua fundação fechada as portas por falta de alunos e condições de funcionamento, haveria de ser o seu sobrinho-neto o visionário que colocaria Cajazeiras novamente nos trilhos da educação.

Sousa (2018), descreve que foi a partir da posse do primeiro bispo de Cajazeiras, tendo o mesmo definido como prioridade de seu episcopado na cidade que fora alicerçada por seus antepassados, Dom Moisés Coelho determina logo nos primeiros dias de governo a reabertura do Colégio Padre Rolim, com ensino voltado para os rapazes e associado ao mesmo, fez funcionar a Escola Normal de Cajazeiras, com o objetivo de oferecer formação para as futuras professoras da região. Esse feito de Dom Moisés não se originou de forma isolada a realidade da Igreja local, mas também é visto como resposta a Carta Pastoral Coletiva dos senhores Bispos e Arcebispos, datada de 1915, mesmo ano de sua posse, a qual recorda aos episcopos a necessidade de intensificação da evangelização católica, utilizando de meios como a catequese, a pregação, as atividades educacionais e o uso da imprensa como mecanismo de disseminar os ideais cristãos. Bem como, a mesma sugere a fundação de centros educacionais que objetivem a formação de crianças e jovens a partir dos valores católicos. (SOUSA, 2018).

Dom Moisés Coelho visionário como demonstrou ser, solicitou ao à época Presidente do Estado da Parayba do Norte, o Sr. Solon Barbosa de Lucena, para que o Colégio Padre Rolim fosse equiparado à Escola Normal do Estado, sendo desse modo deferido o seu pedido a partir das letras da Lei N° 454, datada de novembro de 1916. (SOUSA, 2018). A partir desse feito, o que até então era denominado de Colégio, passa a se chamar Escola Normal Padre Rolim, sendo a mesma referência

no processo de instrução em todo o interior do estado, vindo a diplomar os seus primeiros professores em 19 de março de 1922. (SOUSA, 2018).

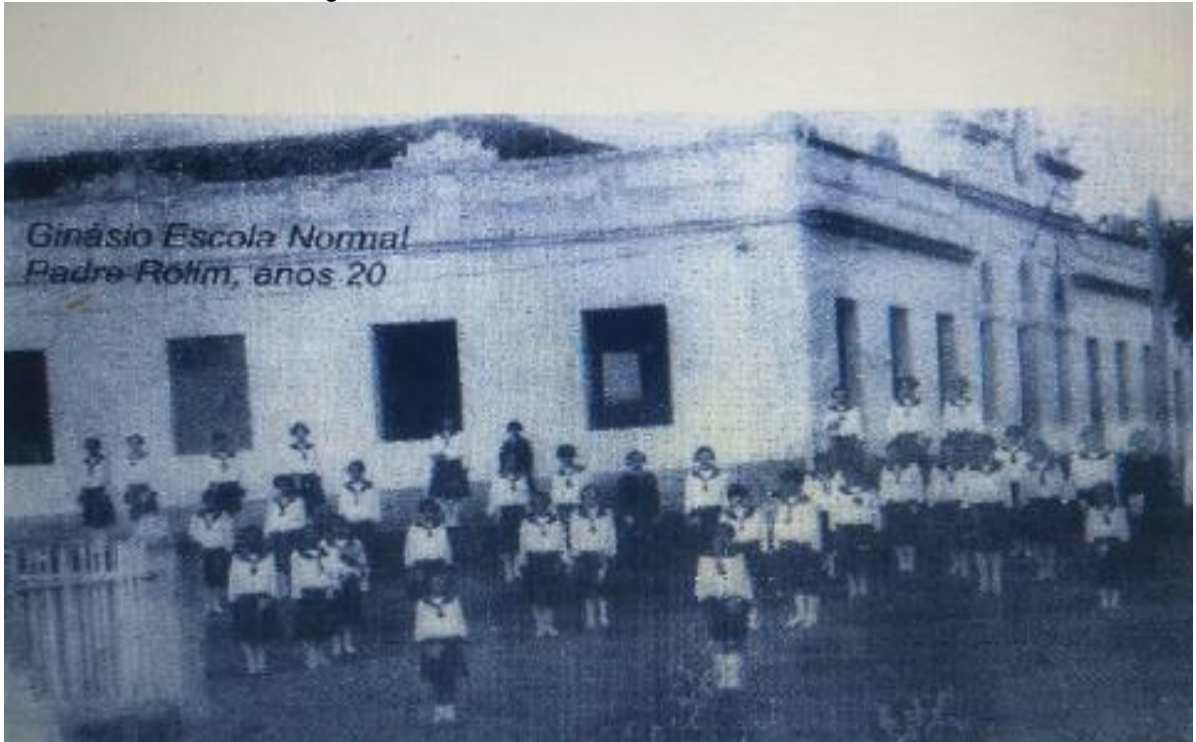
Tendo Dom Moisés Coelho uma especial atenção para com a educação feminina em Cajazeiras, o mesmo inicia um processo de ajuste e melhoramento das instalações, bem como, da administração como um todo, transfere a seção masculina para o prédio da antiga casa de caridade do Padre Ibiapina e começa a tramitar a vinda de uma congregação religiosa feminina com a finalidade de dirigir a Escola Normal. Sousa (2018), explica que era desejo de Dom Moisés que a instituição fosse gerida por freiras, e o mesmo tendo já conhecimento dos trabalhos da Congregação de Santa Doroteia em outras cidades do Nordeste, era ciente dos moldes educacionais da ordem em questão. É sabido que foi em agosto de 1927, que a convite do bispo de Cajazeiras a Madre Enrichetta Cesari, envia três representantes da congregação para ter com Dom Moisés as discussões oportunas sobre a possibilidade de abertura de uma casa da ordem anexa à Escola Normal de Cajazeiras, bem como, ter conhecimento de quais eram as condições físicas estruturantes da escola. Visto que foram boas as condições de acolhimento por parte da diocese, bem como, as condições físicas do prédio atendiam a necessidades das religiosas, em novembro de 1927 chegou de Roma a autorização da casa geral, para que as Doroteias assumissem os rumos da Escola Normal na Diocese de Cajazeiras.

Desse modo, nasce mais uma casa educacional das Doroteias:

“Então, em 11 de fevereiro de 1928, sob o governo de Madre Enrichetta Cesari, na Província Brasileira, surgiu mais uma nova casa educacional do Instituto de Santa Doroteia⁹, o Colégio Nossa Senhora de Lourdes localizado à Rua Ana Albuquerque, nº 12, Cajazeiras, no estado da Paraíba, com compartimentos destinados ao curso normal e primário”. (SOUSA, 2018, p. 76).

Devido as celebrações da festa de Nossa Senhora de Lourdes ocorrer no calendário da Igreja sempre a cada 11 de fevereiro, e por essa data coincidir com o marco inaugural da atuação das Irmãs Doroteias em Cajazeiras, as primeiras freiras que aqui trabalharam homenagearam a Virgem Maria com o título de Lourdes, dando o seu nome ao colégio, até então Colégio Normal Padre Rolim, bem como, a capela do Colégio também recebeu o patrocínio de Nossa Senhora de Lourdes.

Foto 16: Antiga fachada da Escola Normal Padre Rolim, década de 1920.



Fonte: <https://coisasdecajazeiras.com.br/almanaque/colégio-padre-rolim/>. Acesso em 01/07/2024.

As Doroteias estiveram à frente a direção do Colégio Nossa Senhora de Lourdes por um período de 55 anos, entre os anos de 1928 e 1983. Durante esse período as irmãs colocaram em prática suas propostas pedagógicas e os métodos doroteanos que já faziam uso em outras instituições administradas por elas, sendo eles regidos pelos costumes católicos, marcados pelo estudo, trabalho, oração e recolhimento, haja visto que se tratava de mais um tradicional colégio confessional instalado no país.

Foto 17: Alunas normalista do CNSL e Religiosa Doroteia, década de 1960.



Fonte: <https://coisasdecajazeiras.com.br/almanaque/alunas-do-colegio-nossa-senhora-de-lourdes/>. Acesso em 01/07/2024.

Durante os anos de atuação administrativa das Doroteias no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Araújo (2020), chama-nos atenção para o feito datado de 03 de março de 1941, quando em um anexo ao CNSL, mesmo sendo uma instituição privada, que tinha em seus quadros de alunos os membros da elite de seu tempo, as freiras, quase que milagrosamente, abriram uma escola destinada aos pobres de Cajazeiras, que fora inicialmente chamada de “Escola dos pobres”, posteriormente teve como nome oficial de “Escola Nossa Senhora de Fátima”, batizada assim pelo segundo bispo, Dom João da Mata.

Araújo (2020), ainda recorda que eram as formandas normalistas as responsáveis por dispensarem os conhecimentos adquiridos na Escola Normal aos alunos matriculados. Ou seja, as primeiras práticas como professoras das formandas do CNSL aconteciam na escola destinada aos menos favorecidos da cidade. Cumpria-se assim ao menos um pouco daquilo que se entende como obrigação cristã: assistir os menos favorecidos.

Foto 18: Fachada do CNSL, pós ampliação feita na década de 1930.



Fonte: <https://coisasdecajazeiras.com.br/almanaque/colegio-padre-rolim/>. Acesso em 01/07/2024.

Foto 19: Fachada do CNSL, década de 1940.



Fonte: <https://coisasdecajazeiras.com.br/almanaque/colegio-padre-rolim/>. Acesso em 01/07/2024.

Após a saída das últimas Irmãs Doroteias em 1983, o CNSL passou a ser administrada pela Diocese de Cajazeiras até janeiro de 1990, quando a Diocese entregou para atual administração, a Sociedade Literária e Caritativa Santo Agostinho,

instituição mantenedora das Irmãs Escolares de Nossa Senhora da Província da América Latina e Caribe. A Congregação das IENS foi fundada em 24 de outubro de 1833, em Neunburg vorm Wald, Baviera, Alemanha, por Maria Teresa de Jesus Gerhardinger. Nos dias atuais, depois de mais 100 anos desde a sua reabertura, o colégio continua sendo referência em educação cristã no alto sertão paraibano e estados vizinhos, com uma oferta de ensino que vai desde a educação infantil, ao ensino médio e sendo resistência com a oferta gratuita do curso normal em nível médio. (HISTÓRIA DO CNSL, 1928-1990).

Com relação a continuidade das atividades do antigo Colégio Padre Rolim, quando Dom Moisés Coelho transferiu a seção masculina para que a mesma passasse a funcionar na antiga casa de caridade do Padre Ibiapina, situada nas proximidades do açude grande, oportunizou desse modo a criação de uma outra instituição de ensino, voltada exclusivamente para os alunos do sexo masculino. Seu impulso maior se deu com a chegada do segundo bispo diocesano, Dom João da Mata Andrade e Amaral, o mesmo deu início a construção do Colégio Diocesano Padre Rolim, no local e com a mesma estrutura arquitetônica que tem hoje.

Foto 18: Colégio Diocesano Pe Rolim, década de 1940.



Fonte: <https://coisasdecajazeiras.com.br/almanaque/o-colegio-de-cajazeiras/>. Acesso em 01/07/2024.

Foto 19: Dom João da Mata Andrade e Amaral.



Fonte: Acervo da Diocese de Cajazeiras.

Após a edificação das novas instalações do CDPR, Dom João da Mata procura uma ordem religiosa que pudesse administrar o colégio dos rapazes, assim como fez Dom Moisés com o as Doroteias. Assim sendo, Rolim (2016), diz que em 06 de janeiro de 1939, os Salesianos de Dom Bosco, uma congregação religiosa formada por sacerdotes e leigos consagrados, assumem os destinos do educandário. Essa congregação foi fundada por São João Bosco, tendo como missão o cuidado com crianças órfãs ou em situação de vulnerabilidade, tendo destaque para a inserção

destes nas escolas pela ordem administradas. A congregação tem trabalhos realizados em 5 continentes, e tem sua obra realizada principalmente nos âmbitos da educação e da catequese através dos oratórios, centros juvenis, escolas, centros de formação profissional, atenção aos jovens em situação de dificuldade ou insatisfação social, paróquias, universidades e residências para estudantes. (MISSÃO SALESIANA NO MUNDO, 2020).

Os Padres Salesianos permaneceram na administração até o ano de 1959, ocasião em que o Colégio voltou a ser administrado pela diocese, tendo a sua direção ocupada pelos sacerdotes incardinados na Diocese, os quais continuaram os trabalhos exercido por seus antecessores até o início dos anos 2000, quando por dificuldades financeiras, a diocese deu uma pausa até o ano de 2020, onde o mesmo teve seu funcionamento reativado.

Rolim (2016), afirma que o Colégio Diocesano Padre Rolim tem uma história com marcas de começos e recomeços, mesmo que as intempéries que o assolou, seu legado é um marco de compromisso em educar homens comprometidos com valores e princípios éticos, em vista da formação de uma sociedade melhor.

Poderíamos ainda dissertar acerca de outras instituições de ensino que nesse período da história do desenvolvimento educacional de Cajazeiras foram criadas, haja vista o impulsionamento da oferta e procura pelo saber. Aqui pontuamos sucintamente três delas, a primeira escola pública do município, o Grupo Escolar Monsenhor João Milanês situado à Praça Dom Adauto s/n, no Centro de Cajazeiras, voltado para o ensino primário, datado de 1933. O Grupo Escolar Dom Moisés Coelho, situado à Rua Padre José Tomaz, no Centro de Cajazeiras, que oferta desde sua fundação o que hoje é chamado de fundamental anos iniciais e anos finais, fundado em 1951. E a Escola Técnica de Comércio Monsenhor Constantino Vieira, também fundada em 1951, voltada a oferecer o ensino secundário em dois ciclos: o primeiro era o curso ginásial e o segundo compreendia dois cursos paralelos: o curso clássico e o curso científico, bem como, o curso técnico em contabilidade e o curso comercial. É aqui o marco inicial do desenvolvimento da educação profissionalizante em Cajazeiras, visto que até o dado momento, se tinha unicamente um curso voltado para a formação de professores, o normal. (ALBUQUERQUE, 2010).

Paralelo aos muitos pontos positivos que ajudaram a formar uma cidade educadora no sertão paraibano, podemos também de forma isenta aos afetos pessoais com essas instituições, tecer alguns comentários sobre as práticas inerentes as culturas escolares que tiveram sua origem a partir do ensino confessional católico. Permeado pelos ensinamentos de caridade, humanidade, mansidão e fé, detectamos em muitas instituições católicas ao longo da história da educação no Brasil, as práticas do dogmatismo, da intolerância com outros credos, da falta de abordagem científica e muitas outras atitudes conservadoras quando se trata de questões sociais.

A educação católica é muitas vezes fechada aos seus dogmas, enfatizando a doutrina da igreja e dificultando as possibilidades de livre interpretação dos ensinamentos religiosos. Tais atitudes limitam a liberdade de pensamento e pode restringir a capacidade dos sujeitos de questionar, e também conhecer outras culturas religiosas. Tais práticas muitas vezes são acusadas de não abordar questões científicas de forma adequada, rejeitando ou ignorando teorias científicas amplamente aceitas, em favor de uma interpretação literal da Bíblia e do magistério da Igreja. Isso pode resultar em uma educação deficiente em ciências e na falta de compreensão da natureza do método científico. É também verdade que essa educação católica é por vezes pautada na culpa do ser humano e no temor ao pecado, gerando repressões e sentimentos de inferioridade.

A esse preço Cajazeiras pôde construir as edificações educacionais que permitiram torna-la celeiro de ensino e aprendizagem e que ao longo das últimas décadas vem fazendo dela um atrativo para os empreendimentos voltados a oferta de ensino, desde a educação infantil, chegando ao ensino superior, com destaque para os novos sistemas de ensino surgidos pós pandemia da COVID-19 que ofertam por meio da tecnologia, diversos cursos no formato de ensino remoto e híbrido.

4.3 O ADVENTO DO ENSINO SUPERIOR

O que chamamos de advento do ensino superior, em Cajazeiras, se configurou seguindo os mesmos moldes das demais realidades em todo o Brasil. A Igreja Católica esteve participando de todo o processo de instalação, assim como se deu em 1572 na Bahia, quando os Jesuítas criaram os primeiros cursos de Artes e Teologia. Bem

como, quando houve a criação de uma faculdade anexa aos seminários dos Franciscanos de Olinda-PE e do Rio de Janeiro. Assim também, sob a regência dessa instituição se deu o início a consolidação de uma cidade universitária no sertão da Paraíba – Cajazeiras – desde a década de 1960. (FILHO, 2018).

Filho, (2018) relata:

“Com a ideia amadurecida e o grande interesse em implantar uma IES, em Cajazeiras, em 1965, D. Zacarias de Moura criou a Fundação de Ensino Superior de Cajazeiras (FESC) com o objetivo de assegurar a infraestrutura básica para a implantação da Instituição de Ensino Superior”.(FILHO, 2018, p. 56).

Ao fundar a FESC, a Diocese de Cajazeiras tinha o objetivo de criar e fazer funcionar em sua jurisdição, instituições que tivessem como finalidade a execução de pesquisa, ensino e educação superior, tal objetivo se consolida quando em 17 de janeiro de 1970, foi criada sob determinação do 5º bispo diocesano de Cajazeiras, Dom Zacarias Rolim de Moura a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Cajazeiras, primeira IES do município. (FILHO, 2018).

A fundação da FAFIC teve amparo legal por meio da Lei Municipal de N° 503/1970, da Resolução 04/1970 do Conselho Estadual de Educação e do Decreto Presidencial N° 66.472/1970, os mesmos autorizavam a execução das atividades de ensino superior e determinava a FESC como instituição responsável legal e o Monsenhor Luiz Gualberto de Andrade o primeiro diretor, figura importante no processo de crescimento e melhoramento da instituição. Filho (2018), ainda relata que os primeiros cursos ofertados pela FAFIC eram voltados para as licenciaturas, a saber: Letras, História, Geografia e Filosofia.

Foto 22: Dom Zacarias Rolim de Moura.



Fonte: Acervo da Diocese de Cajazeiras.

Foto 23: Prédio da Ação Católica de Cajazeiras, primeira sede da FAFIC, década de 1970.



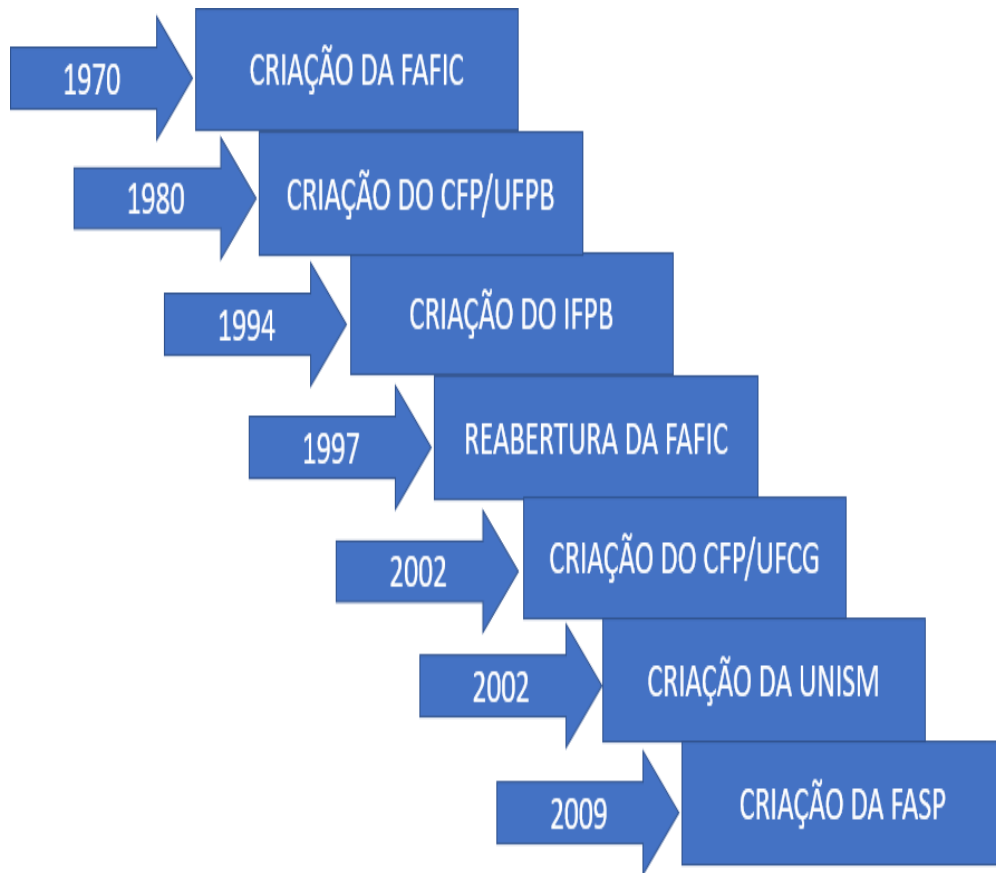
Fonte: <https://coisasdecajazeiras.com.br/almanaque/faculdade-de-filosofia-ciencias-e-letras-de-cajazeiras/>. Acesso em 01/07/2024.

Como tantas outras instituições sertanejas, a FAFIC se viu muitas vezes subindo um verdadeiro calvário financeiro para que houvesse a manutenção de suas instalações e cursos, obrigando os seus idealizadores a sempre procurarem rotas de fuga para as suas necessidades. Filho (2018), afirma que Monsenhor Gualberto na condição de diretor e Dom Zacarias na presidência da FESC, precisou firmar convênios com instituições no Brasil e para além fronteira, com o objetivo de não verem o sonho do ensino superior acabar rapidamente. Mesmo assim, antes mesmo de concluir a primeira década de fundação, em janeiro de 1979, foi convocada uma Assembleia extraordinária para analisar a possibilidade de federalização da FAFIC, incorporando-a Universidade Federal da Paraíba. (FILHO, 2018).

Tendo o colegiado visto em Assembleia que o ato de transformar a FAFIC em um novo campus da UFPB seria motivo de oportunizar ao ensino superior de Cajazeiras melhores condições de ensino-aprendizagem, qualificação docente, promoção do ensino gratuito e a construção de uma estrutura física, aprovou-se pela federalização da FAFIC, criando em Cajazeiras o Centro de Formação de Professores da UFPB, incorporando ao mesmo centro os professores, servidores técnicos, todo o patrimônio mobiliário e o acervo acadêmico fruto dos esforços daqueles que plantaram o ideal de fazer Cajazeiras uma cidade universitária. Não vejamos também tal evento como sendo apenas um ato heroico da igreja para o surgimento do ensino público em Cajazeiras, pois há questionamentos a se fazer com relação a esse ato: Se a sua instituição de ensino superior tivesse em plena atividade acadêmica, com boas condições administrativas e com o retorno financeiro desejado, a Igreja abriria mão de sua “mina de ouro”?

A instalação da primeira instituição de ensino superior de Cajazeiras em 1970 foi o desabrochar para que outras também aqui chegassem, como foi o caso da criação do CFP/UFPB, que depois passou a ser UFCG, a instalação do IFPB, a reabertura da própria FAFIC e já mais recente, a criação das faculdades Santa Maria e São Francisco. Na figura abaixo haveremos de ilustrar a cronologia da fundação dos principais IES e como em poucas décadas a cidade do Padre Rolim saísse de um único curso profissionalizante e fosse para mais de 30 ofertas de cursos técnicos e superiores, entre os quais destacamos o disputado curso de medicina, com duas ofertas na cidade.

Figura 2: Linha do tempo das fundações das IES em Cajazeiras.



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Após a posse do 6º Bispo de Cajazeiras, Dom Matias Patrício de Macedo, havendo a necessidade de continuar dando formação para os futuros sacerdotes, bem como aos homens de boa vontade que quisesse estudar de forma privada, o referido bispo solicita ao MEC a reabertura da FAFIC, com o intuito de que o curso de filosofia, que não foi agregado aos quadros do CFP, fosse colocado em funcionamento, pois os custos para a Diocese manter seus formandos em outras cidades era maior do que reabri-lo. A reabertura foi efetivada em 12 de maio de 1997, retomando assim as atividades de ensino inicialmente com o desejado curso de filosofia e a partir de 2007, ampliando para outras ofertas. (FILHO, 2018).

A partir de 2016, com a posse do 8º Bispo Diocesano de Cajazeiras, Dom Francisco de Sales Alencar Batista, OCarm, a FAFIC começa a ganhar uma nova roupagem em sua estrutura administrativa o que culminou com a reformulação de sua identidade e nome, passando a se chamar em 2022 de Faculdade Católica da

Paraíba, concretizando assim o desejo da atual presidência da FESC e fixando o nome da instituição mãe do ensino superior no sertão paraibano como forma de marcar sua atuação educacional desde a fundação da cidade. Assim, após 50 anos de instalação da primeira faculdade, a Igreja continua a frente da difusão do conhecimento, sendo respeitada e reconhecida pelo trabalho social que realiza. (NOSSA HISTÓRIA – FCPB, 2022).

A criação ou instalação de outros centros universitários em Cajazeiras após a fundação da FESC-FAFIC, nos faz perceber que esses movimentos do desenvolvimento do setor educacional de Cajazeiras são contribuintes para o crescimento da população, da expansão urbana e das ofertas de produtos e serviços, sobretudo aquecendo o comércio, o setor imobiliário e tantas outras atividades formais e informais que são diretamente beneficiadas.



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Deste povo, os destinos conduz!
Na esperança, mantém-no de pé;
revivendo os momentos de luz,
leva adiante o estandarte da Fé!”*

Hino da Padroeira

Por Pe Antônio Luiz do Nascimento

A pesquisa nos possibilitou compreender que a Igreja Católica foi protagonista no processo de desenvolvimento educacional de Cajazeiras, pois ela assumiu um papel hegemônico na instrução dos saberes da população cajazeirense e das regiões limítrofes. As principais atividades educativas aqui realizadas, teve como característica a atuação de bispos, sacerdotes, religiosas e leigos da igreja envolvidas em toda a trajetória.

Desde o processo de colonização do Brasil a introdução dos métodos pedagógicos foi marcada pela invasão, ocupação e exploração do território, da cultura e dos costumes das sociedades tradicionais que aqui já viviam, com objetivos econômicos e de poder. Também as práticas pedagógicas jesuítas, não tinha a intenção somente de instrução científica, mas também de dominação e catequização. Todavia, mesmo havendo lacunas na história difíceis de entendimento ou aceitação, também é fato que foram os jesuítas os responsáveis pela instrução brasileira em sua formação inicial, a partir dos valores de cidadania e humanidade que até hoje conhecemos.

Já a partir do primeiro povoamento de Cajazeiras, as práticas educacionais tiveram predileção na condução do povo, a começar pelo Padre Rolim, visionário, que abdicou de exercer maiores influências na cúpula da Igreja para se dedicar ao ensino primário, supomos que o mesmo sonhava que no futuro, não seria apenas uma casinha a acolher alunos, mas sim, grandes instituições comprometidas com o ensino como é o caso dos Colégios Nossa Senhora de Lourdes e o Diocesano Padre Rolim, responsáveis pela formação de muitas gerações, de ontem, de hoje e certamente do amanhã.

Entendemos como marco divisor do desenvolvimento do lugar, sendo a fundação da diocese em 1915, a partir desse feito Cajazeiras passou a ter condições estruturantes para realizar a abertura de abrigos, hospitais, círculos operários, rádios, mas, foram as instituições de ensino para os homens e mulheres as impulsionadoras desse momento que caminhou a passos largos, culminando na criação da FESC de Cajazeiras, responsável direta, idealizar, criar e administrar a primeira Faculdade do Alto Sertão Paraibano.

É preciso e haveremos de ser justo no que diz respeito a dar o mérito a quem realmente o tem, não bastaria apenas o sonho de transformar Cajazeiras em cidade universitária, foi preciso lutar para isso, e quem lutou foi gente real. Há se tivéssemos hoje outros Inácios, Anas, Moisés, Gualbertos, Zacarias, Fernandas e Carmelitas, para travarem conosco as lutas que somos instigados a lutar. Por nós, por continuo melhoramento das práticas, pela educação inclusiva, equitativa e de qualidade, uma educação voltada ao acolhimento, reconhecimento do outro e desenvolvimento das singularidades e diversidades.

Cajazeiras é exemplo de que uma cidade verdadeiramente educadora, comprometida com o desenvolvimento a partir dos saberes e da cultura, ela pode por meio dessa relação ampliar as oportunidades de desenvolvimento das pessoas e territórios. As vivências escolares tem o poder de formar gente e estes sujeitos inseridos na sociedade vão interagindo e modelando o espaço urbano, configurando os lugares e sendo canais de transformação de vidas e realidades.

É verdade que muito já se produziu sobre as mesmas narrativas que norteiam esse trabalho, por isso entendemos que incentivar a pesquisa sobre a história da educação é de grande valor, pois precisamos mostrar que a prática educacional é constante e que a educação escolar nasce não como valor social, mas como mecanismo de luta de classes. Por isso, sobretudo para nós que dela fazemos parte e que seremos talvez um dia julgados pela memória dos que virão depois de nós. Haveremos de contribuir para a posteridade com nossas práticas educativas? De quais formas? Fica a nossa reflexão.



REFERÊNCIAS

- ABREU, Leidjânia Dantas. **Construção do espaço urbano e leituras semióticas da verticalização de Cajazeiras-PB**. Dissertação / Leidjânia Dantas Abreu. Cajazeiras, 2009.
- ALBUQUERQUE, Francivaldo do Nascimento. **Monsenhor Luiz Gualberto: missionário da educação**. Artigo / Francivaldo do Nascimento Albuquerque, 2021.
- ALBUQUERQUE, Simone Formiga. **Práticas de leitura em Cajazeiras – PB (1930 a 1950): memórias de ex-professoras**. Dissertação / Simone Formiga Albuquerque. João Pessoa, 2010.
- ARAUJO, Edinaura Almeida de. **Trajectoria Histórica do Colégio Nossa Senhora de Lourdes-Cajazeiras-PB (1928-1961)**. Tese / Edinaura Almeida de Araujo. - João Pessoa, 2020.
- BIHLMAYER, Karl; TUECHLE, Hermann. **História da Igreja**. Idade Moderna. Vol III. São Paulo: Paulinas, 1965.
- CARTAXO, Flavia Moraes. **Irmã Nirvanda Leite Rolim: uma mulher dedicada à educação e às obras sociais (1953-1992)**. Monografia / Flavia Moraes Cartaxo – Cajazeiras 2022.
- COSTA, Antônio Assis. **A (s) Cajazeiras que eu Vi e onde Vivi Memórias**. / Antônio Assis Costa. João Pessoa, 1986.
- FILHO, Joaquim Alves da Costa. **As novas dinâmicas socioespaciais no espaço urbano da cidade de Cajazeiras – PB, como resultantes da presença do ensino superior**. Dissertação / Joaquim Alves da Costa Filho – João Pessoa, 2018.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Banco de Dados de Informações do Censo 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/cajazeiras.html>. Acesso em 22/02/2024.
- KÖPPEN, W.; GEIGER, R. **Klimate der Erde**. Gotha: Verlag Justus Perthes. 1928.
- LEITÃO, Deusdedit. **O Educador dos Sertões: vida e obra de padre Inácio de Sousa Rolim**. / Deusdedit Leitão. Teresina, 1991.
- LIRA, Geneluza Dias. **Fracasso escolar: Visão de Professores das séries iniciais do ensino fundamental da cidade de Cajazeiras-PB**. Tese / Geneluza Dias Lira. Lisboa, 2008.
- LIRA, Leandro de Lima. **História da Paraíba**. Artigo / Leandro de Lima Lira. Campina Grande, 2002.
- OLIVEIRA, Pedro Lins de. **Retalhos de Vidas: Um pouco de Cajazeiras**. / Pedro Lins de Oliveira. João Pessoa, 1996.

PESSOA, Rodrigo Bezerra. **Um olhar sobre a trajetória da geografia escolar no Brasil e a visão dos alunos de ensino médio sobre a geografia atual.** Dissertação / Rodrigo Bezerra Pessoa. João Pessoa, 2007.

PIRES, Heliodoro. **Padre Mestre Inácio Rolim: um trecho da colonização do Norte brasileiro e o Padre Inácio Rolim.** 2 ed. Atualizada. Gráfica Estado do Piauí. Impressora e Editora Ltda. 1991.

ROLIM, Francisco Sales Cartaxo. **Guerra ao fanatismo: A Diocese de Cajazeiras no cerco ao Padre Cícero.** / Francisco Sales Cartaxo. Olinda, 2016.

SANTOS, Damião Fernandes. **MARIA FERNANDA MARABELLO: educadora religiosa e suas práticas educativas para o saber fazer e o saber ser (1977-1991).** Tese / Damião Fernandes Santos – João Pessoa, 2020.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SAVIANI, Demerval. **História das idéias pedagógicas no Brasil.** 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

SOUSA, Débia Suênia da Silva. **Colégio Nossa Senhora de Lourdes: culturas escolares em Cajazeiras-PB (1949- 1983).** Tese / Débia Suênia da Silva Sousa. - Natal: UFRN, 2018.

SOUSA, Débia Suênia da Silva. **Tecendo Memórias Educacionais no Sertão Paraíbano: Carmelita Gonçalves e suas contribuições a educação em Cajazeiras-PB.** Artigo / Débia Suênia da Silva Sousa – Cajazeiras, 2010.

SOUZA, Antonio José de. **Cajazeiras nas crônicas de um mestre escola.** / Antonio José de Souza – João Pessoa, 1981.

TAVARES, Pe. Eurivaldo Caldas. **Itinerário da Paraíba Católica.** João Pessoa, 1985.

